



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE- FACES**  
**CURSO: PSICOLOGIA**

**CONTAR E IMAGINAR**  
**UMA EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR**

**MARIANA DE LOURDES ALMEIDA**

**BRASÍLIA/DF**  
**NOVEMBRO/2009**

MARIANA DE LOURDES ALMEIDA

**CONTAR E IMAGINAR**  
**UMA EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR**

Monografia apresentada como requisito para  
conclusão do curso de Psicologia do  
UniCEUB- Centro Universitário de Brasília.

Professora-Orientadora: Eileen Flores

BRASÍLIA, DF  
NOVEMBRO DE 2009

Esta monografia é dedicada a memória da minha querida e amada avó Maria de Lourdes, que com seu amor e ternura tornou a vida de milhares de pessoas muito mais agradável e feliz com suas histórias.

À minha amada e doce mãezinha que com sua paciência e amorosidade conseguiu sempre ter a palavra certa para me tranquilizar. Ao meu pai, irmão, a Catarina, Eliane, aos amigos e familiares queridos, que mesmo a distância sempre me incentivaram à seguir em frente e que me deram não só o apoio emocional como material. Aos professores, e ao carinho das crianças da creche do Varjão. E a todos que acreditam no poder da fantasia para mudança de vida das crianças.



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE- FACES**  
**CURSO:PSICOLOGIA**

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Eileen Pfeiffer Flores

Orientador(a)

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Elizabeth Tunes

Examinador(a)

---

Prof.<sup>a</sup> Msc. Marília de Queiroz Dias Jácome

Examinador(a)

A Menção Final obtida foi:

---

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	8
<b>1. A Infância e a Literatura Infantil</b> .....	11
1.1. A História Social da Criança.....	11
1.2. A Literatura Infantil e os Contos de Fada .....	17
<b>2. O Desenvolvimento e a Aprendizagem na visão de Vygotsky</b> .....	22
<b>3. O Processo de Contar de Histórias</b> .....	32
<b>4. A Trajetória Metodológica</b> .....	38
4.1 O cenário da Pesquisa.....	38
4.2 Os participantes.....	39
4.3 Procedimentos de Construção das Informações.....	40
4.4 Procedimento na Contação de História.....	42
<b>5. Análise e Interpretação das Informações</b> .....	44
<b>6. Considerações Finais</b> .....	63
<b>7. Referências Bibliográficas</b> .....	64
<b>Apêndices</b> .....	69

## **Resumo**

A criança na fase pré-escolar já passa por processos de aprendizagem de leitura, escrita e linguagem. Com a contação de histórias, estes processos tendem a obter o desenvolvimento necessário com o auxílio do lúdico, numa forma prazerosa. Vygotsky nos auxilia neste caminho para a definição destes processos, utilizando-se da teoria Sócio-Cultural, onde a criança não consegue se desenvolver sozinha, ela precisa do cultural. E com isso, os Contos de Fadas levam a criança a este desenvolvimento, proporcionando a estimulação dos processos psicológicos superiores.

**Palavras-chaves:** Vygotsky, contos de fadas e desenvolvimento e aprendizagem.

## INTRODUÇÃO

O estudo a seguir visa trazer os contos de fadas como auxiliares do processo de desenvolvimento e aprendizagem na fase pré-escolar. O âmbito escolar tem por função social promover espaço para a leitura, utilizando o lúdico, no caso a contação de histórias onde permite às crianças a possibilidade de desenvolver criatividade e vivenciar experiências. De acordo com Bettelheim (2000), ao ler uma história à criança desenvolve todo um potencial crítico, a partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar.

As histórias infantis e contos são utilizados como forma de levá-las a adquirirem um conhecimento e não somente a fantasia. Kato (1997) já afirmava que, "ao ouvir histórias, a criança vai construindo seu conhecimento da linguagem escrita, que não se limita ao conhecimento das marcas gráficas a produzir ou a interpretar, mas envolve gênero, estrutura textual, funções, formas e recursos lingüísticos.

Portanto, as histórias não oferecem somente o ficcional, mas também o poder da aquisição da leitura e escrita. A contação de histórias visa possibilitar o acesso ao livro e o incentivo à construção de novos leitores, além de fornecer o hábito da leitura, melhora na linguagem e escrita, ampliando assim seu vocabulário e buscando através da contação suscitar o imaginário infantil. De fato, a oportunidade de contar e de ouvir histórias na idade pré-escolar parece ser uma das condições mais importantes para o sucesso da formação de leitores e escritores (Grugeon & Gardener, 2000).

Para Mallan (1992), a contação de histórias possibilita a alfabetização de crianças uma vez que transforma o discurso escrito na oralidade, ampliando os recursos de aprendizado, aumentando o vocabulário e ampliando suas aptidões, e possibilitando a entrada no mundo da escrita.

De acordo com Leardini (2006), a contação de histórias pode propiciar um desenvolvimento da linguagem e da escrita, aumentando seu vocabulário, criar laços afetivos entre contador/criança/livro, além de proporcionar as crianças um momento onde elas possam liberar a imaginação sem discriminação.

A atividade culturalmente estruturada de contação de histórias pode ser um contexto para a transformação de processos psicológicos importantes em nossa sociedade, processos estes que, ainda presentes individualmente na criança, ocorrem nas trocas entre contador e criança, entre criança e criança, etc.

Desta forma, este estudo visa investigar como (a) o contexto de contação de histórias pode promover a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças na fase pré-escolar; (b) observar quais as maneiras de interação contador-livro-criança pode propiciar zonas de desenvolvimento imediato de processos psicológicos superiores, como atenção voluntária, memória verbal e raciocínio abstrato; (c) identificar através de entrevistas com monitores responsáveis pelas turmas, possíveis mudanças no comportamento das crianças; (d) identificar quais as conseqüências que a contação de histórias proporciona as crianças/contador e (e) observar se as crianças aferiram ganhos no vocabulário.

O primeiro capítulo será feito um breve histórico da história da criança e como a literatura infantil surgiu se tornando importante para o processo de ensino-aprendizagem.

No segundo momento será mostrada a visão de Vygotsky sobre o desenvolvimento infantil, como a criança desenvolve seus processos e a importância da utilização do brincar, que no caso será a contação de histórias.

Já o terceiro capítulo se destinará a falar sobre o processo de contação de histórias, como se sucede e seus benefícios e, portanto, fazer um link sobre a contação e o desenvolvimento

infantil, sendo este último item a ser analisado profundamente na última parte, portanto, na interpretação dos dados.

# 1. A INFÂNCIA E A LITERATURA INFANTIL

## 1.1. A História Social da Criança

Será falado neste estudo um pouco sobre a história social da criança, como ela surgiu e como o sentimento de infância mudou o rumo da nossa história. Saber sobre a história da criança é importante para se entender os contos de fada, pois a literatura infantil só foi surgir a partir da aceitação da criança como diferente do adulto, propiciando assim uma literatura destinada a elas.

A criança era mal vista pela velha sociedade tradicional, sendo logo misturada aos adultos mesmo sem ter estrutura para ser um. Mas um fenômeno apareceu, sendo chamado de sentimento de infância ou somente infância, que passou a existir com a criação de um mundo das crianças diverso dos adultos, estabelecendo-se espaços de atuação para cada um, limitando as crianças de brincadeiras e jogos destinados aos adultos como limitando os adultos em sua conduta quando em contato com crianças. (Ariès, 2006)

Ângela Soares (2009) interpreta a obra de Ariès em seu artigo *Concepção de Infância e Educação Infantil*. A autora afirma que havia uma indiferença quanto à infância até por volta do século XV. A criança era vista como “adulto em miniatura”, pois naquele momento não existia representação de infância para o mundo, podendo as crianças transitar no mundo dos adultos sem nenhuma diferenciação.

De acordo com Ariès, citado por Oliveira (2007), a criança passou a ser retratada através da iconografia, da pintura e dos retratos artísticos, começando a adquirir aos poucos espaço na sociedade. A partir da análise destes elementos citados a cima, o processo de construção deste sentimento de infância é aos poucos desvendado.

Este sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças. Não quer dizer que em tal época não existia infância que as crianças eram maltratadas, abandonadas, etc. Mas este sentimento corresponde à consciência da particularidade infantil, que distingue essencialmente adultos de crianças (Ariès, 2006, pg.99).

Na sociedade antiga, o índice de mortalidade infantil era muito elevado, devido às condições precárias de higiene, saúde, enfim, das condições socioeconômicas e culturais em que estas viviam. Outro fator que mostra o desinteresse pela criança nesta época é a tolerância ao infanticídio. As crianças morriam por falta de cuidados (Soares, 2009).

A mortalidade infantil era vista com naturalidade. Devido ao alto índice desta mortalidade, as famílias não se importavam ou simplesmente não consideravam a criança como membro da família. Constata-se este fato por um relato citado por Ariès (2006, pg.22): “Antes que eles te possam causar muitos problemas, tu terás perdido a metade, e quem sabe todos”; “Perdi dois ou três filhos pequenos, não sem tristeza, mas sem desespero”.

Ariès citado por Oliveira (2007), nos fala que a relação estabelecida entre adulto e criança era constituída pelo grau de dependência financeira. Considerava-se adulto quem não dependesse dos pais, ainda que mais jovem à outra pessoa que, contudo, fosse dependente economicamente, seja de sua família ou responsável. Esta era considerada criança. Assim que a criança pudesse viver sem a orientação e ajuda de suas mães e/ou avós, ela ingressava na sociedade dos adultos.

Na Idade Média, as fases da vida ou puramente “idades da vida” eram descritas como: infância e puerilidade, adolescência e juventude, velhice e senilidade; caracterizando então períodos diferentes da vida (Ariès, 2006). Estes termos seriam utilizados para destacar as idades da vida, estando associadas mais a função social do que ao cronológico em si.

A primeira idade era compreendida do nascimento até os sete anos, fase que recebia o nome de “enfant” (criança) e é tida como não-falante. Esta etapa era tida como primeira infância. A segunda idade, “pueritia”, ia até mais ou menos 14 anos, ocorrendo neste período o desenvolvimento da criança chamado assim de “meninice”. A terceira idade viria a se chamar adolescência, pois seria uma fase boa para procriação e poderia se estender até os 30 – 35 anos. Seguido da adolescência viria à juventude, que dura até seus 45 anos e que estaria em sua plena força. Depois viria a senectude, transição entre juventude e velhice onde há uma maior experiência, para depois sobreviver à velhice que indica quando as pessoas já não possuem um sentido acentuado e vai dos 70 anos e não tem fim até sua morte (Ariès, 2006, pg.6-8).

Ariès (citado por Soares, 2009) pontua que as famílias medievais não eram muito apegadas a sentimentos afetivos. Era determinado pela cultura da época que a criança deveria ficar com outra família, sem ser a de origem, durante a primeira infância, sendo que esta família deveria se responsabilizar pela educação e cuidados com a criança. A criança voltava para a família quando completava sete anos de idade, inserindo-se logo no mundo dos adultos.

As crianças vestiam trajes de adultos até o século XIV, não se diferenciando deles. A partir do século XVII, as crianças (de boa família) já não se vestiam como adultos. Os meninos aderiram primeiramente a estes trajes específicos, ficando a menina mais tempo com trajes adultos, não se diferenciando assim deles (Ariès, 2006, pg.41).

O papel de cuidadora das crianças começou a ser designado às mulheres e às amas durante a primeira infância a partir do século XVI. A criança é vista com carinho e cuidado. Ariès (2006, pg. 100) dá um exemplo desse carinho:

A ama se alegra quando a criança fica alegre, e sente pena da criança quando esta fica doente; levanta-a quando cai, enfaixa-a quando se agita e a limpa quando se suja; ela a ensina a falar, pronunciando as palavras como se fosse tatibitate, para ensiná-la melhor e mais depressa (...)

As crianças, a partir de séculos XV e XVI aparecem nas manifestações artísticas junto à sua família, transmitindo cenas cotidianas. Era assim que "a criança com seus companheiros de jogos, muitas vezes adultos; a criança na multidão, mas 'ressaltada' no colo de sua mãe ou segura pela mãe, ou brincando, ou ainda urinando; a criança no meio do povo assistindo aos milagres ou aos martírios, ouvindo médicos...; ou a criança na escola..." seria representada (Ariès, 2006, pg.21).

Oliveira (2007) com sua síntese a partir da obra de Ariès, afirma que as crianças naquela época eram retratadas simplesmente porque estavam junto com os adultos, no meio deles, não havendo, portanto alusões a crianças específicas da família.

Segundo esta mesma autora, a presença da criança na família seria ressaltada por ser considerada engraçadinha, por seus gracejos. É caracterizado como primeiro sentimento de infância. Esta característica da criança como um ser engraçadinho, caracteriza o primeiro sentimento de infância. A criança é vista como capaz de merecer todo o tipo de "paparicação", expressando assim um primeiro estalo na percepção da importância da criança na família, mesmo esta sendo usada na distração dos adultos por fazer gracinhas.

Observaremos que há uma transição entre uma época em que a criança não era reconhecida; e outra, onde a criança seria valorizada e reconhecida, pela sua graça e pelo seu encantamento, revelando uma nova relação entre família e criança que seria refletida nas

artes. O sentimento de infância pode ser entendido em dois momentos distintos: o primeiro seria a partir da idéia de paparicação que surgiu no meio familiar, em que a criança é vista como um ser lúdico, capaz de gracejos, engraçadinha; e, um segundo, como se verá, em que a formação moral da criança deve ser garantida por meio da educação, da saúde e do bem estar físico, pois “um corpo mal enrijecido inclinava à moleza, à preguiça, à concupiscência, a todos os vícios” (Ariès 2006, pg.105). A partir do século XVII, a infância, neste segundo momento passa a ser considerada uma etapa peculiar, pois é marcada por uma busca de moralidade que irá ser falado mais adiante.

A partir deste século citado a cima, os jogos e brincadeiras eram comuns às crianças e aos adultos, envolvendo toda a sociedade. Em períodos históricos anteriores, os divertimentos tinham uma grande importância, pois estreitavam seus laços coletivos, para se sentir unida. Estes divertimentos incluíam festas, jogos e dança, sendo que estas atividades poderiam ser feitas por todos, incluindo crianças (Ariès, 2006).

Oliveira (2007) ressalta que a utilização de certos brinquedos era incentivada às crianças tais como, o cavalo de pau, o cata-vento e/ou o pião. A marionete de fantoches e bonecas, por exemplo, divertia a ambos. Após certo tempo, porém, o teatro de marionetes e as bonecas ficaram reservados apenas às crianças.

Ariès (2006, pg.59), aponta uma contrariedade em relação aos jogos, pois de um lado, os jogos eram tidos sem discriminação, sendo aceito pela maioria. Do outro lado, uma minoria moralista e poderosa condenava esses divertimentos, denunciando sua imoralidade. Com uma preocupação de preservar a moralidade, no final do século XVII e início do século XVIII, houve uma mudança em relação aos jogos, proibindo os tidos como maus e recomendando os tidos como bons, preservando assim a moralidade da infância.

A partir deste período, a consequência foi à distinção entre os jogos de adultos e de crianças, abandonando-se aquelas brincadeiras e jogos que dividiam o espaço da criança ao do adulto.

Esta segunda parte do sentimento de infância é retratada pela moralidade, tendo a sociedade voltada à cultura da disciplina, regras, boas maneiras, tendo como precursores os eclesiásticos vinculados ao colégio (Ariès citado por Oliveira, 2007). Os colégios jesuítas eram baseados na disciplina e eles vieram para o Brasil trazendo a concepção de escola tradicional européia, e sua ordem era baseada na propagação da fé e de uma disciplina muito rígida (Del Priore, 1999). Apesar da educação rígida, havia momentos de descontração como danças, jogos, música, enfim, brincadeiras em si.

Os colégios do século XIII eram asilos para estudantes pobres, fundados por doadores. Somente a partir do século XV, esses institutos viraram instituições de ensino submetidas a uma hierarquia rígida (Ariès, 2006, pg. 110). Até o século XVIII, as escolas não eram puramente destinadas a crianças e sim destinadas à instrução dos clérigos, não havendo assim distinção de idades. Somente no final do século citado acima que esta separação foi ocorrer. O processo de divisão escolar deu-se através do isolamento moral e intelectual das crianças sob uma forte disciplina rígida, demonstrando nitidamente a separação de adulto/criança.

Ariès (citado por Soares 2009) menciona que o fortalecimento da família aprimorou o surgimento do sentimento de infância. E o reconhecimento deste sentimento surge para redefinir as relações familiares de determinados grupos. O fenômeno da descoberta da infância chegou primeiro com as famílias dos nobres franceses que podiam oferecer educação, saúde e melhores cuidados aos seus filhos.

O que surge de novo é o sentimento de família, que se formou em torno da família conjugal, formada pelos pais e filhos. Essa família, ou ao menos a idéia que se fazia de família ao representá-la parece igual à nossa. O sentimento é o mesmo e está muito ligado à infância. Este sentimento de família acentuou para uma nova valorização de infância, gerando maior união familiar, estimulando o afeto entre seus membros (Zilberman, 2003).

Observa-se ao longo do texto, que somente a partir do século XVII a criança pode ser diferenciada do adulto e a ter importância. E com isso veio à realização de uma literatura voltada para este público, anteriormente impedida, pois não havia o reconhecimento da infância. No próximo capítulo será falado justamente sobre esta literatura.

## **1.2. A Literatura Infantil e os Contos de Fada**

Como foi dito anteriormente, o reconhecimento da criança foi construída ao longo dos séculos, conseguindo aos poucos adquirir seu espaço, considerando as características específicas da fase da infância.

O surgimento da infância proporcionou a existência de uma escrita destinada a este público. De acordo com a escritora Lúcia Góes (1991, pg.22) a literatura infantil tem funções como:

A leitura reflexiva, a aquisição do vocabulário, a aquisição de conceitos, assim como as preferências, o gosto pela leitura, a escolha de valores são adquiridos através da literatura. O ideal da literatura é deleitar, entreter, instruir e educar as crianças.

Existem várias formas dentro da literatura infantil, sendo algumas delas o conto de fadas, mitos, fábulas, lendas, etc. A literatura antes de ser escrita, foi oral, portanto a literatura infantil tem origem na idade oral dos mitos. O mito nasce do trabalho da imaginação pura e não alterada pela intromissão dos elementos racionais (Góes, 1991).

O mito não é especificidade somente da antiguidade, sendo retratado em todas as épocas, traduzido em lendas, que são relatos de acontecimentos onde o imaginário e o maravilhoso superam o real e o verdadeiro. O mito é sempre trágico, já as lendas possuem personagens sobrenaturais, com final maravilhoso e foram marcadas por sua fatalidade. Portanto, os homens, ao tentaram explicar os fatos naturais que desconhecem, utilizam-se das lendas.

Os autores Góes (1991); Baukat e Mengarda (2006) afirmam que as fábulas são histórias vividas por animais, falam como gente e são ou representam sentimentos humanos. Os contos maravilhosos seriam contos que possuem elementos mágicos, mas que estejam integradas na história. Contos de enigma ou mistério, são contos que tem como eixo principal um enigma a ser desvendado, pode ser através de aventuras, suspense, etc.

La Fontaine ficou conhecido por suas fábulas, retomando a tradição de Esopo e Fedro. La Fontaine escrevia para adultos numa época onde ainda a criança não era reconhecida como tal. Algumas de suas obras foram: “A cigarra e a formiga”, “O Rato e o Leão” e o “Lobo e o Cordeiro”. (Góes, 1991, pg. 76). De acordo com Carneiro & Ludwing (2008), o início da literatura infantil deu-se com Perrault, com uns de seus vários contos “O Conto da Mãe Gansa”, “Gato de Botas” e “Cinderela”, sendo considerado o precursor da literatura infantil.

Os irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm, eram grandes historiadores, fazendo suas histórias percorrem o mundo até hoje, valorizando a fantasia. Dentre tantas obras famosas, temos:

Branca de Neve e os sete anões, Bela Adormecida, O chapeuzinho Vermelho, dentre tantas outras (Goés, 1991).

Esta última autora nos fala também de Hans Andersen, conhecido como o poeta da fadas. Dentre suas obras estão às famosas “Patinho Feio” e “A Roupas Nova do Imperador”. No Brasil, Monteiro Lobato nos encanta com suas obras folclóricas como o Sítio do Pica-Pau Amarelo, A Menina do Nariz Arrebitado, dentre outros. Depois de Monteiro Lobato, outros escritores, como Ana Maria Machado, Fernanda de Almeida, André Carvalho, etc.; desabrocharam (Carneiro e Ludwig, 2008).

Um dos benefícios de se ouvir contos é a possibilidade que a criança tem de elaborar suas questões. Através destes contos maravilhosos, de sonhos, onde se encontram personagens, sentimentos, valores e desafios, as crianças encontram neles os seres verdadeiros e os fatos reais de seu dia-a-dia (Abramovich, 2004). Pouco interesse há em conhecer sua origem ou a simbologia dos contos de fada ou a finalidade de cada um. Seu caráter simbólico permite utilizar essa forma literária conforme sua necessidade, pois se trata de uma obra aberta à subjetividade e que oferece de modo simplificado novas dimensões à imaginação da criança, sendo passível de um leque de possibilidades interpretativas (GÓES, 1991 p. 118).

Em seu livro *A Literatura Infantil na Escola*, Zilberman (2003, pg. 25), cita que a literatura infantil sintetiza por meio de recursos da ficção, uma realidade que pode ser vivenciada pelos seus leitores. Assim, por mais exagerada que seja a fantasia do escritor, ela continua a se comunicar com seus leitores, porque fala de seu mundo ajudando-o nas suas dificuldades e soluções, fazendo-o, pois, reconhecê-lo melhor. É possível que da mesma história, contada por crianças diferentes sejam extraídas interpretações diferentes levando em conta os fatos da realidade vivencial de cada uma. (Bettelheim, 2000).

Vários autores apontam, ainda, para as vantagens de se ouvir histórias na formação de leitores. Baukat e Mengarda (2006), por exemplo, afirmam que o contato com os livros mesmo antes de saber manuseá-los faz surgir um interesse maior sobre eles e proporciona um desenvolvimento da linguagem, favorecendo a leitura, facilitando assim o início da alfabetização.

Nessa mesma linha, Vitoriano, Oliveiro & Ferrão (2005, p.29) falam em seu artigo sobre a importância da estimulação das crianças aos livros infantis:

A criança deve ser freqüentemente estimulada a ter acesso aos livros infantis, podendo assim, penetrar em seu universo mágico de sonhos. É o caminho não apenas de sua descoberta, mas também um dos mais completos meios de enriquecimento e desenvolvimento de sua personalidade.

Silva & Wolff (2008) sugerem em seu artigo a participação efetiva dos centros de educação, sendo a escola, creche, instituição, enfim, que estejam abertos a realização de práticas lúdicas, envolvendo as linguagens oral, gestual, escrita, dentre outros, contribuindo assim para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Carneiro & Ludwig (2008), ainda sobre a formação de leitores, exploram em seu artigo, os benefícios da literatura infantil. Eles afirmam que ao ler e ouvir histórias, a criança entra num mundo cheio de mistérios, fantasias, proporcionando não somente a diversão mais o aprendizado também. Através desta fantasia que a criança aprimora a imaginação. Essa forma de puro lúdico com o reconhecimento da obra em si é que proporciona à criança a formação de leitor. Afirmam ainda que, para ser definida como uma boa literatura infantil, a obra deve

mostrar os aspectos da realidade de forma não usual e sim criativa, deixando a imaginação fluir.

É interessante observarmos como os contos de fadas nos levam ao fantástico, ao irracional e ao mesmo tempo prazerosa e divertido mundo. Nos permitimos imaginar que Branca de Neve coma uma maçã envenenada e num belo dia acorda pelo simples fato de ter sido beijada pelo príncipe, ou que o Peter Pan viva numa ilha chamada Terra do Nunca e que assim ele permanecerá sempre criança. Isso acontece exatamente pelo o fantástico que provoca assim uma nova percepção. O conto de fadas é por si sua melhor explicação, conseguindo comover os que diante delas se colocam, transmitindo assim emoções (Carvalho, 1985).

Vimos como a literatura é importante não somente para a diversão mas para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. No capítulo seguinte será falado como esse desenvolvimento se dá através da óptica histórico-cultural de Lev. Vygotsky.

## **2. O Desenvolvimento e a Aprendizagem na Visão de Vygotsky**

A teoria histórico-cultural nasceu do pressuposto de que o homem é um ser de natureza social, fundamentando-se nas relações sociais dos indivíduos. Esta teoria tem como ponto de partida as funções psicológicas dos indivíduos (Carrara, 2004).

Vygotsky (1987) refere-se à filogênese e a ontogênese, enquanto domínios genéticos para entender a conduta humana e os processos psicológicos. Na filogênese, esses processos não surgem a partir da evolução natural, biológica, e sim a partir do desenvolvimento histórico, como participante em um grupo cultural. Já no domínio ontogenético, as formas superiores de atividade psicológicas são formadas no processo de desenvolvimento social da criança, em suas relações com a esfera social que o rodeia.

Ao formular a concepção do domínio ontogenético, Vygotsky argumentava que duas linhas de desenvolvimento, sendo uma a linha cultural e outra a linha natural entram em contato e se transformam mutuamente, se interpenetram e formam essencialmente uma linha de formação sociobiológica da personalidade da criança. (Daniels, 2001)

A teoria do desenvolvimento decorre de que todo organismo é ativo e estabelece contínua interação entre as condições sociais que são mutáveis. O ponto de partida são as estruturas orgânicas elementares, determinadas pela maturação, formando funções mentais cada vez mais complexas dependendo, para tal, da natureza das experiências sociais da criança. Sendo assim, o processo de desenvolvimento segue duas linhas diferentes, a natural e a cultural. Sendo a natural um processo elementar de base biológica, e, a cultural um processo superior de origem sociocultural (Daniels, 2002).

As funções psicológicas elementares incluem o pensamento não-verbal como sensações, percepções imediatas, emoções primitivas e memória indireta, sendo, portanto de origem biológica, estando presentes nas crianças e nos animais. Se caracterizam pelas ações involuntárias (ou reflexas) e pelas reações imediatas (ou automáticas) e sofrem também controle do ambiente externo (Daniels, 2002).

Já as funções psicológicas superiores como atenção, percepção, memória e imaginação, que incluem pensamento verbal, são de origem social porque estão presentes somente no homem, caracterizando-se pela intencionalidade das ações, que são mediadas pelos instrumentos ou pelos signos. Oliveira (1997, p.44) cita um exemplo para diferenciar funções elementares de superiores:

É possível ensinar um animal a acender a luz num quarto escuro. Mas o animal não seria capaz de, voluntariamente, deixar de realizar o gesto aprendido porque vê uma pessoa dormindo no quarto.

A autora afirma que esta conduta de tomada de decisão a partir de um novo elemento, mudando assim a situação, é um processo superior.

A mediação simbólica é um pressuposto essencial para explicar o funcionamento psicológico como sendo uma característica presente em toda a atividade humana, tendo a função de organizar o uso de instrumentos produzindo novas formas de comportamento. A relação deixa de ser direta para se transformar mediada (Daniels, 2003).

Os dois elementos básicos da mediação com base nos processos psicológicos superiores são os instrumentos e os signos. Os instrumentos têm a função de mediador da relação entre indivíduo e mundo (Oliveira, 1997, pg. 29). Portanto eles regulam as ações

sobre os objetos. Já os signos (linguagem, escrita) regula as ações sobre o psiquismo e, nos permite dominar nosso próprio funcionamento psicológico. Vygotsky chama os signos de “ferramentas psicológicas” (Daniels, 2003)

É pela mediação que se dá a internalização de comportamentos e atividades. Oliveira (1997, pg. 34) fala sobre os sistemas simbólicos e o processo de internalização: “Por um lado, a utilização de marcas externas vai se transformar em processos internos de mediação; esse mecanismo é chamado, por Vygotsky, de processo de internalização. Por outro lado, são desenvolvidos sistemas simbólicos, que organizam os signos em estruturas complexas e articuladas.” A internalização, portanto, seria a reconstrução interna de uma operação externa, produzidos culturalmente, ou seja, com objetos que o homem entra em interação.

A internalização, por se tratar de uma operação fundamental para os processos superiores, consiste na transformação dos fenômenos sociais em fenômenos psicológicos, e isso se dá através de um processo interpessoal que é transformado num processo intrapessoal (Vygotsky, 2007).

As funções do desenvolvimento da criança aparecem primeiro no nível social, para depois aparecer no nível individual. Ou seja, primeiro entre pessoas (interpessoal), e depois, no interior da criança (intrapsicológico), graças a ações com os signos e sendo o resultado de uma prolongada série de acontecimentos evolutivos (Daniels, 2003).

Os processos mentais superiores são mediados por sistemas simbólicos, sendo a linguagem o seu principal meio. Esta trabalha como ferramenta psicológica na construção da consciência individual (Oliveira, 1997). O conhecimento é adquirido nas relações entre as pessoas, utilizando-se da linguagem e das interações sociais.

Através da linguagem, a criança vai da inteligência prática, que seria o plano concreto sem mediação simbólica, tendo como finalidade a execução de tarefas mediante os instrumentos disponíveis, para a inteligência abstrata, que se utiliza de signos (Vygotsky, 2000).

Na filogênese, antes da ligação destes dois elementos, o pensamento e a linguagem possuíam independência, tendo origens e rumos diferentes. Vygotsky encontrou com estudos de primatas, formas de funcionamento intelectual e de utilização de linguagem, ou seja, elementos precursores do desenvolvimento do pensamento e da linguagem, sendo chamados de fase pré-verbal (pensamento) e fase pré-intelectual (linguagem) (Oliveira. 1997).

Também na ontogênese, inicialmente pensamento e linguagem andam separados, mas num dado momento essas linhas de desenvolvimento se cruzam, e o pensamento se torna verbal, mediado por significados dados pela linguagem, e a fala se torna racional, com função simbólica.

Neste período, a criança começa a desenvolver seu vocabulário, sendo, portanto, um período em que a criança percebe que as coisas que esta está vendo possuem nomes. Vygotsky (2000) afirma que o significado é parte integrante da palavra. Oliveira (1997) aponta esse significado como sendo um fenômeno do pensamento, pois este significado já é uma generalização. Esta autora cita um trecho de Vygotsky (p.48):

Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da 'palavra', seu componente indispensável. Pareceria, então, que o significado poderia ser visto como um fenômeno da fala. Mas, do ponto de vista da psicologia, o significado de cada palavra é uma generalização ou

um conceito. E como as generalizações e os conceitos são inegavelmente atos de pensamento, podemos considerar o significado como um fenômeno do pensamento.

O significado do signo lingüístico é o que é estabelecido pelo social, consistindo num núcleo de compreensão da palavra, compartilhada assim por todas as pessoas que a utilizam. A criança, ao longo do seu desenvolvimento pode ir mudando o significado das palavras. Essa transformação das palavras se dá pelo nome de sentido. Já o sentido, é exatamente o significado das palavras para cada indivíduo, pelo próprio sujeito, de acordo assim com seu contexto de vida afetiva e social, tempo e espaço (Vygotsky, 2000).

Como foi dito anteriormente, os signos são construções culturais que ocorrem na língua, não linguagem no sentido amplo, mas a própria fala. Vygotsky citado por Oliveira (1997), fala sobre o discurso interior e da fala egocêntrica. O discurso interior seria um discurso com ele próprio, sem haver vocalização, sendo assim uma forma interna de linguagem. Este discurso possui uma peculiaridade, como afirma a autora: “Como não é feito para a comunicação com outros, constitui uma espécie de ‘dialeto pessoal’. É fragmentado, contendo quase só núcleos de significado e não todas as palavras usadas num diálogo com outros.” Ao invés de pensar numa frase completa, pensa-se resumindo.

A fala social, que a função única é de comunicação, sofre uma transformação social e passa à fala egocêntrica, que por sua vez leva a fala interior. A fala egocêntrica é o discurso da criança falando consigo própria, falando sozinha onde a vocalização aparece. Essa fala egocêntrica parte do interpsicológico para o intrapsicológico, possuindo uma natureza social, sendo assim ela é tida como transição da atividade coletiva da criança para o funcionamento mental do indivíduo. Ao longo do desenvolvimento da criança, essa fala egocêntrica se torna

fala interior quando a criança começa a falar internamente primeiro para depois realizar a ação (Vygotsky, 2000).

Através da internalização da linguagem, ao longo do desenvolvimento, a percepção começa a ser mediada por conteúdos culturais, deixando de ser uma relação direta entre indivíduo e meio, podendo perceber o objeto como um todo, situações considerados pela linguagem numa realidade completa, assim relacionado com a trajetória do desenvolvimento individual e de sua vivência (Oliveira, 1997).

A atenção como a percepção vai pouco a pouco se submetendo a processos de controle voluntário, sendo inicialmente baseados em mecanismos neurológicos inatos e fundamentados na mediação simbólica. A autora diz “que os organismos estão submetidos à imensa quantidade de informações do ambiente, e ocorre um processo de seleção das informações com as quais vai interagir”. Seria impossível uma ação organizada do organismo com o mundo se não houvesse essa seletividade das informações. Momentos repentinos, bruscos, como ruídos fortes, são exemplos de atenção involuntária, sendo elementos que chamam a atenção do indivíduo. Esta atenção continua presente no indivíduo apesar da aquisição de processos da atenção voluntária.

A memória natural tem influência direta dos estímulos externos, não sendo mediada, assim como a percepção e atenção involuntária. Oliveira (1997) faz uma comparação da espécie humana com o animal, observando que a memória natural refere-se à ação não voluntária de experiências: “A memória natural, refere-se ao registro não voluntário de experiências, que permite o acúmulo de informações e o uso da mesma em momentos posteriores, na ausência de informações vividas anteriormente”.

Já na memória mediada, os signos têm um importante papel. Os signos e instrumentos auxiliam a criança a controlar o seu próprio comportamento. Estes signos seriam objetos que auxiliariam na memória do indivíduo, ampliariam suas possibilidades e modificariam sua natureza.

Em síntese, o sujeito estrutura seu conhecimento utilizando-se de diferentes signos que são mediadores internos, ferramentas auxiliares no controle da atividade psicológica e instrumentos que são mediadores externos. A relação do homem com o mundo não é direta e sim mediada através dos instrumentos e signos.

Vygotsky (1984) elaborou em sua teoria um conceito muito importante para a compreensão do desenvolvimento das funções psicológicas superiores, através do ensino, que é a Zona de Desenvolvimento Proximal. Para explicar esse conceito, ele identificou dois níveis de desenvolvimento que são o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. O nível de desenvolvimento **real**, refere-se às capacidades que a criança já domina, conseguindo realizá-las de forma autônoma, sem a assistência de alguém (pai, criança mais adiantada ou o professor). Este conceito refere-se portanto, àquelas funções já amadurecidas. Já o nível de desenvolvimento **potencial** é aquele em que a criança consegue realizar uma determinada atividade com a ajuda (dicas, demonstrações, etc.) de alguém mais experiente. A distância entre aquilo que a criança consegue fazer sozinha e aquilo em que necessita da ajuda de outra pessoa se caracteriza como Zona de Desenvolvimento Proximal. Vygotsky (2007) ressalta que o conceito não é trivial, posto que não é qualquer coisa que a criança consegue fazer com a colaboração de alguém mais experiente. Quando isso acontece, é porque aquelas funções já estão em processo de desenvolvimento. A definição do autor pode esclarecer melhor o conceito (Vygotsky, 2007, p. 98):

A Zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” do desenvolvimento, em vez de “frutos” do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente

Para Vigotsky (1984), portanto, ao realizar atividades com o auxílio de alguém mais experiente aquilo que ainda não é capaz de fazer sozinha, a criança, em breve, conseguirá realizar atividades por si mesma, sem a necessidade de um auxílio.

Carrara (2004, p.144) afirma que o papel da escola é desempenhar condições para que a criança desenvolva o que ainda não foi alcançado. O aprendizado escolar é artefato central no desenvolvimento da criança em idade pré-escolar.

Oliveira (1997) nos fala a respeito do mecanismo de imitação, sendo este para Vygotsky uma reconstrução individual daquilo que está sendo observado e não cópia. Este processo ajuda a criança a desenvolver melhor aquilo que ainda não está possivelmente capacitado, sendo auxiliada não somente pelo adulto, mas a criança também poderá a vir ajudar outra no processo de desenvolvimento proximal.

A criança ao brincar, expressa suas dificuldades, anseios e vontades, utilizando-se do da brincadeira do faz-de-conta. De acordo com este autor, a criança satisfaz algumas de suas necessidades no brinquedo, principalmente aquelas que ela não consegue realizar de maneira

concreta, pois a criança tendo desejos que não podem ser realizados imediatamente, ela entra assim no mundo da fantasia, ilusório, onde os desejos não realizáveis se tornam possíveis, através da brincadeira (Vygotsky, 2007).

A criança pequena quando deseja alguma coisa, o faz querendo que seja imediato, sendo determinados pelas características de situações concretas. Já crianças em idade pré-escolar, já desejam coisas impossíveis de se realizar imediatamente. A partir daí a criança começa a desempenhar situações ilusórias, onde ela pode realizá-los, entrando em cena a imaginação, que surge a partir da ação (Vygotsky, 1984).

No ato de brincar, mesmo no brincar de faz-de-conta, há regras implícitas. Vygotsky (2007,p.112) dá o exemplo de quando a criança desempenha o papel de mãe, ela então obedece as regras de comportamento maternal. E é no brincar que a criança aprender a separar significado de uma palavra do objeto, podendo brincar, por exemplo, de cavalinho utilizando-se uma vassoura. A criança, portanto, quando está brincando se torna maior do que ela é na realidade, indo além do seu comportamento habitual, auxiliando na aprendizagem que desenvolverá, tornando-se funções psicológicas firmadas no indivíduo (Oliveira, 1997).

A situação imaginária, juntamente com as regras, cria uma zona de desenvolvimento proximal, pois no momento que a criança representa um objeto por outro, ela passa a se relacionar com o significado a ele atribuído, e não mais com ele em si, possibilitando o desenvolvimento do pensamento abstrato, daí a importância primordial do brincar, principalmente do brincar de faz-de-conta, para o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. (Vygotsky, 1984).

Podemos concluir que o brincar, a fantasia, a imaginação e o faz-de-conta são fundamentais para o desenvolvimento da criança e que não é possível separar o “brincar” da

“aprendizagem” na criança. Ouvir e contar histórias fazem parte desse -contexto de faz-de-conta, de brincar, de imaginação. A estrutura narrativa, a fantasia, a separação entre objeto e significado, a possibilidade de satisfazer necessidades que não podem ser satisfeitas no concreto, todas essas características do brincar, citadas anteriormente, aplicam-se de forma ainda mais clara ao processo de ouvir e contar histórias. Os contos de fadas, especificamente trabalham com todos estes itens citados proporcionando a criança um novo olhar sobre o real.

### 3. O Processo de Contar de Histórias

Contar histórias é uma arte milenar, uma arte rara que liga nossa imaginação às nossas inquietações traduzindo, muitas vezes, o que sentimos e temos dificuldade em expressar. (Busatto, 2003)

Esta mesma autora afirma que a arte de contar histórias amplia o universo literário, despertando o interesse pela leitura e estimulando a imaginação. Narrar uma história será sempre um desafio, pois envolve a possibilidade de interpretação do narrador com o imaginário do ouvinte de forma a construir um final que estimule a todos os envolvidos.

Segundo Carvalho (1985) os contos são impregnados de magia e natureza sobrenatural. Sua essência oferece ao educador uma fonte inesgotável de situações que propicia reflexão conduzindo a criança a novas formas de comportamentos até então não apropriados.

De acordo com Baukat & Mengarda (2006), o enredo e personagem ganham vida através da contação de histórias. Para estes autores, o encantamento, o enigma, suspense e o sentimento são essenciais para o ambiente de contar histórias.

A criança ao ouvir uma história mergulha neste universo fascinante onde tudo é possível. Ao contar uma história estaremos oferecendo a ela uma possibilidade de ampliação de seu universo, utilizando-se da imaginação.

Para a realização do processo de contar uma história é necessário verificar alguns aspectos. Primeiramente temos que pensar em que história contar. Por mais que a linguagem escrita seja simples para o ouvinte, é sempre satisfatório, complementar a história com adaptação verbal, deixando-a mais comunicativa e dinâmica. (Silva, 1997). Segundo a autora

é necessário fazer uma seleção inicial levando em conta qual o interesse do ouvinte (repertório de histórias que os ouvintes gostam) e saber se eles gostaram das histórias contadas e sua faixa etária, aspecto que veremos mais detalhado adiante. Isto porque, a história tem que despertar a sensibilidade e a emoção do narrador para que não seja contada de forma mecânica, sendo necessário saber se o assunto a ser tratado é interessante, quer dizer, se terá aspectos que chamarão a atenção das crianças; e se demonstra riqueza de imaginação.

Nelly Coelho (1984) em seu livro, *Literatura Infantil*, também vê a importância de se saber à faixa etária, para escolha da história. Este autor frisa que para que haja uma boa empatia do leitor/literatura, têm que haver a adequação dos textos as faixas de idade.

Silva (1997) & Coelho (1984) concordam que até os três anos de idade se encontra a fase pré-mágica; já dos três aos seis anos é definida como a fase mágica, da fantasia e imaginação. No período da fase pré-mágica é sugerida a utilização de jogos, brinquedos e livros com imagens, pois de acordo com o segundo autor citado, estes componentes estimulariam a percepção visual e motriz das crianças, sendo que a criança começa a aquisição da própria linguagem.

Dos três aos seis anos de idade, a criança, de acordo com Coelho (1984), está vivenciando uma fase lúdica, tendo como predomínio o pensamento mágico. Nesta fase, a criança é ouvinte e leitora. As histórias mais adequadas a este pequenos seriam contos fantasiosos, fábulas simples, contos de animais que possuam repetição e que sejam acumulativas (Silva, 1997) enfim, que possuam o maravilhoso, lugares e personagens onde haja um mundo de poderes fora do comum.

Estas fases pré-mágica e mágica estão inseridas na etapa pré-escolar. A partir dos sete anos de idade, começa a etapa escolar e as histórias mais interessantes para estes pequenos leitores são histórias que envolvam narrativas do cotidiano, histórias alegres, bem-humoradas, aventuras, lendas de cujos personagens é interessante mostrar o feito heróico. Coelho (1984) diz que este período é a concretização da leitura e da escrita.

Baukat & Mengarda (2006) definem o pré-leitor entre as crianças dos dois aos cinco anos de idade. Eles chamam esta fase de pré-leitor de 1º fase. “É a fase onde a criança vai aprender a ‘ver’ o mundo, descobrindo o nome das coisas que os rodeiam, tida como a fase da elaboração da linguagem organizada.” Esta fase leva a criança a desenvolver seus processos perceptivos, pois ela se verá diante de estabelecer relações entre o mundo visível que seria a representação apresentada no livro e a do mundo invisível da linguagem, levando a criança a fortalecer a imaginação.

Já a 2º fase inclui a faixa etária de seis a sete anos de idade, em que a criança é tida como leitor iniciante. Por ser uma fase onde a criança começa seu aprendizado na leitura, ela precisa de estímulos para que este processo seja satisfatório. De acordo com os autores Baukat e Mengarda (2006, p.104): “(...) ser seduzida pelo mundo complexo e fascinante da linguagem escrita”.

De acordo com Amarilha (1997) a literatura favorece a entrada da criança no mundo da linguagem escrita. Como as crianças da 1º fase, dita anteriormente, não estão familiarizadas com a escrita, a história contada para elas ajudam-nas a perceber o mundo da linguagem como a sonoridade das palavras e o ritmo das frases. Além disso, elas ganham familiaridade com a estrutura da linguagem escrita, que é diferente da linguagem falada.

Tahan (1961) & Silva (1997) nos dizem que existem diversas formas de se contar uma história. Todas possuem seu magnetismo e importância, cabendo ao contador a maneira que ele achar confortável e de acordo com o que foi falado anteriormente, levando em conta o ambiente, a faixa etária e o interesse do ouvinte. Não podemos nos esquecer que se entre contador/criança houver empatia, a história tende a fluir muito mais, pois ambos estarão conectados na história.

A narrativa simples é fascinante do ponto de vista dos autores acima. Por ser a mais antiga das formas e a para ela a mais autêntica. A voz do narrador que irá transmitir a emoção a ser dada, podendo assim fazer utilizado os gestos, enfim, da expressão corporal. Isso faz com que a criança imagine situações, personagens e lugares, tomando através da fala da contadora seu recurso para a imaginação.

A utilização de livros com gravuras disponibiliza para a criança pequena o recurso da figuras. A utilização deste recurso faz com que a crianças desenvolvam a seqüência lógica do pensamento, pois na hora que a contadora estará narrando à história e mostrando a figura, a criança irá identificando através desta os elementos da fala da contadora. A história pode ser contada através de dramatizações, utilizando-se de instrumentos que possibilitem isso como fantoches e teatros. (Silva, 1997)

Tahan (1961) com seu livro *A Arte de Ler e Contar Histórias* nos mostra como contar histórias é realmente uma arte. Ele nos apresenta alguns aspectos interessantes para se contar uma história. O contador quando for narrar tem que fazê-lo com naturalidade, utilizando-se de linguagem simples ainda mais se o público alvo são as crianças. Deve conhecer o enredo, e saber improvisar para que caso ele esqueça de alguma parte, ele tenha a aptidão de contornar. O narrador tem que narrar a história com emoção, dando vida a história contada, utilizando-se entonação de voz que proporcione isto a eles, e também, acomodando as crianças perto para

poderem escutar e no caso de a contadora estiver utilizando gravuras, que facilite a visualização da mesma.

O contador deve saber lidar com o que a história pode proporcionar à criança, como espontaneidade na hora da contação, e se isto não ocorrer que incentive então a espontaneidade, fazendo surgir da criança questionamentos, interesse, percepção, dentre outros.

Para que haja uma boa contação de histórias, o lugar tem que ser adequado para tal finalidade e que tenha aceitação por parte tanto da instituição quanto para a criança e contador, sendo o mais comum ocorrer em bibliotecas, escolas, creches, etc.

A escola, a meu ver, teria que ter prioridade para este tipo de atividades, é claro que com a participação efetiva de seus professores. Mas o que vemos é uma situação bem diferente. Zilberman (2003, p.25) nos fala como a escola junto com a literatura é fundamental para a formação de leitores. Ela nos fala: “Tanto a obra de ficção como a instituição do ensino estão voltadas à formação do indivíduo ao qual se dirigem”.

De acordo com Leardini (2006), a criança ao opinar, escolher, julgar, classificar e coordenar diferentes formas de pensamento e ações das personagens, faz com que a criança tome consciência do seu ponto de vista e ao mesmo tempo o ponto de vista de outras pessoas, de acordo com sua interação.

De acordo com esta mesma autora, a contação de histórias pode propiciar um desenvolvimento da linguagem e da escrita, aumentando seu vocabulário, criar laços afetivos entre contador/criança/livro, além de proporcionar as crianças um momento onde elas possam liberar a imaginação sem discriminação.

Concluimos que a contação de histórias beneficia a todos, ouvintes e narradores. Os narradores por presenciar momentos de prazer e ao mesmo tempo aprendizado vendo as crianças evoluírem seu vocabulário, a atenção, imaginação, dentre outros. E as crianças por usufruírem das narrações, e não somente receber e sim de vê-las dispostas a participar ativamente dos contos, utilizando-se a imaginação, saindo um pouco do real e entrando na fantasia.

## 4. A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Esta pesquisa se deu através do estágio supervisionado do Cenfor – Centro de Formação do Uniceub. Este projeto *Contação de Histórias Para as Crianças* foi supervisionado pela professora Eileen Flores, também orientadora desta monografia. A orientanda teve a idéia da realização deste projeto por achar encantador este mundo de contar histórias e por ter sempre estado no meio dele. A seguir será falado sobre todos os procedimentos que se fizeram necessário para a realização desta pesquisa.

### 4.1.O cenário da pesquisa

Esta pesquisa ocorreu na Creche Comunitária do Varjão, que faz parte da Associação de Moradores. Estas informações que serão apresentadas foram tiradas da página da web da própria Creche, que constará mais adiante nas referencias bibliográficas. A Creche Comunitária do Varjão- Distrito Federal funciona de 2ª à 6ª feira, atendendo atualmente 250 crianças gratuitamente. São filhos de pessoas carentes da comunidade. Uma parte destas crianças fica em período integral a outra em período inverso ao da escola. Os que estudam pela manhã na rede pública de ensino, vão diretamente para a creche onde almoçam e fazem os deveres de casa e atividades recreativas. Os que estudam à tarde vão pela manhã para creche onde fazem suas atividades escolares, recreativas, fazem duas refeições e após o banho vão para a escola.

A Creche Comunitária do Varjão, não tem convênio com o Governo do Distrito Federal e é mantida com doações de pessoas solidárias.

Algumas de suas finalidades são promover atividades de caráter social e cultural que visem ao desenvolvimento da criança e do adolescente e fortalecer o aspecto lúdico e as brincadeiras como processo de aprendizagem e saber.

De acordo com o que foi explicado anteriormente, a Creche funciona como reforço escolar para as crianças, tendo como supervisores das crianças os monitores. Estes monitores que auxiliam as crianças em suas atividades são bolsistas do Uniceub. Uma monitora da Creche conversou com a orientanda e explicou que ela fez uma prova no início de semestre para disputar uma vaga de 50% de bolsa, e ao passar, a monitora foi encaminhada para a Creche do Varjão, onde o Uniceub possui parceria para trabalhos acadêmicos.

Os monitores desenvolvem o papel de auxiliares para com as crianças, possibilitando a elas o desenvolvimento de atividades como (a) artesanato, (b) músicas, (c) leituras e (d) desenhos. A Creche possui amplo espaço, possuindo um parquinho de diversões, uma biblioteca onde foram realizadas a maioria das contações, um pátio logo na saída das salas e salas de aulas não muito grandes, possuindo um quadro negro, mesas e cadeiras, sem muita ventilação. As crianças desta Creche eram crianças que possuíam um padrão econômico baixo.

## **4.2. Os participantes**

As informações foram produzidas a partir de entrevistas e de observações. A seguir constam as informações sobre os participantes de cada fase.

**Participantes nas fases de entrevista:** A fase das entrevistas foi realizada apenas com a participação da monitora bolsista que é responsável pela turma do 1(primeiro) ano da Creche Comunitária do Varjão. Os critérios iniciais definidos para a coleta de dados foram ajustados em razão do papel de professor ser desempenhado por uma monitora bolsista. Estes aspectos da inclusão ficaram definidos como: ser ativo(a) da Creche; expressar explicitamente interesse em participar a partir do convite feito pela pesquisadora; ter horários disponíveis para participar das entrevistas e assinar o TCLE. Os critérios para exclusão, após o início da

pesquisa, foram: ausentar-se do trabalho por mais de duas semanas (o que inviabilizaria a continuidade da pesquisa); expressar desejo ou necessidade de sair da pesquisa; impossibilidade de qualquer natureza de participar da pesquisa.

**Participantes nas fases de observações:** Na fase das observações, foram observadas as crianças que estavam matriculadas no 1(primeiro) ano da Creche Comunitária do Varjão. Nesta fase, as crianças foram observadas 1 vez por semana durante 2 meses. Uma semana foi à própria pesquisadora que contou uma história, na outra quem contou foram suas colegas de estágio, e assim alternaram-se durante os dois meses. Os critérios para inclusão foram: no caso da criança, estar matriculada e expressar explicitamente o desejo de ouvir histórias. Os critérios para exclusão, após o início da sessão de observação, foram: os responsáveis não terem assinado o TCLE (ver Anexo 2); pais e/ou responsáveis desmatricularem seus filhos da instituição; desejo expresso da criança ou de seus responsáveis de que a interação com o contador não seja mais observada, por quaisquer razões.

### **4.3.Procedimentos de construção das informações**

A pesquisa foi de caráter qualitativo. Trata-se de uma pesquisa que pretende aprofundar-se na compreensão do fenômeno e propor novas categorias conceituais, daí a opção por procedimentos de caráter qualitativo, detalhados a seguir. Foi obtida primeiramente a autorização dos sujeitos, que no caso deste projeto foi o monitor responsável pela turma, para poder entrevistá-lo sobre o tema. Na primeira instância, a contadora havia feito o TCLE para ser entregue aos pais/ou responsáveis, mas quando conversou com a coordenadora da Creche do Varjão, que também é bolsista do Uniceub, orientou-me que não havia necessidade de obter a autorização individual dos pais, pois o presidente da Creche possui autonomia para autorizar a participação das crianças na pesquisa, sendo o responsável por elas dentro da instituição. O texto foi lido junto com o referido presidente, ocasião em que foram

esclarecidos os objetivos da pesquisa e sanadas todas as dúvidas. O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética do UniCeub. A pesquisa só foi iniciada a partir da aprovação pelo Comitê de Ética e dos Termos de Consentimento Informados assinados.

Foi realizada somente uma entrevista com a professora da Creche Comunitária do Varjão e observações das interações das crianças com as contadoras (sendo feitas observações a cada contação), que no caso foram à pesquisadora e mais duas colegas de estágio, como já explicado dentro das informações dos participantes. Todas as contações de história realizadas pela pesquisadora e pelas suas colegas de estágio foram gravadas em áudio. As contações ocorreram uma vez por semana, e a pesquisadora e suas colegas como foi dito, alternaram-se nas contações.

**Material:**

Para a entrevista foram utilizados: gravador digital (tipo mp3 ou mp4), lápis ou caneta, papel e prancheta. Nas observações, a pesquisadora realizou seus registros usando lápis, prancheta e papel. Para a elaboração de artigos, relatórios, etc., foram usados microcomputador e impressora.

**Entrevistas:** A monitora bolsista responsável pela turma do 1(primeiro) ano foi convidada verbalmente e individualmente a participar da pesquisa e foi apresentado a ela e lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Ver Apêndice 01). A mesma concordou em participar, e assinou o TCLE. A entrevista com a monitora bolsista foi realizada pela pesquisadora na sala dos professores da Creche Comunitária do Varjão.

Esta entrevista foi gravada para posterior transcrição (ver TCLE da monitora – Apêndice 1) e consistiu em um único encontro de 20 minutos, em razão da pouca disponibilidade e colaboração da entrevistada. A entrevista foi em forma de uma conversa que

partiu de perguntas abertas sobre o tema – contação de histórias e foi perguntado a monitora sobre o seu papel dentro Creche.

#### **4.4.Procedimento nas contações de histórias**

Para a realização das contações, as estagiárias, incluindo a orientanda, escolheram antecipadamente as histórias. Vários critérios foram utilizados para esta escolha como (a) o gosto das estagiárias pela história, (b) a demanda das crianças, e (c) a reação delas em relação à última contação. As estagiárias uma vez por semana se reuniam no estágio, para a supervisão. Eram levadas várias histórias e lidas por elas, e com isso as mesmas conversavam e chegavam num consenso de como seria feita as contações. As estagiárias ensaiaram a entonação e a expressões características de cada história.

O local da contação era preparado pelas estagiárias antes de chamar as crianças, sendo a biblioteca o lugar onde as crianças gostavam que fosse contada as histórias. Depois de cada contação, as estagiárias preparavam atividades complementares à história, em que as crianças se expressavam de diversas maneiras, como (a) recontação de histórias, (b) elaboração de novos finais para a história, (c) contação das próprias histórias, (d) trabalhos manuais, (e) jogos de contação, etc. As atividades não foram gravadas como as contações, mas será falado como ocorreu cada uma delas.

Na primeira contação, que foi sobre a história de João e Maria, as estagiárias pediram para que cada um contasse uma história. As crianças contaram o que fizeram no café-da-manhã e contaram algumas histórias da Creche.

Na contação da Dona Baratinha, as estagiárias pediram para que cada criança imitasse um animal para o restante da turma adivinhar e com isso elas imitaram todos os animais falados na história. Depois desta brincadeira, as crianças foram para o parquinho e lá ficaram

brincando de casar a Dona Baratinha, fazendo bolo de casamento com a areia e procurando um noivo, podendo perceber a interação das crianças com a história.

Depois da contação do Gato de Botas, as estagiárias pediram para que eles contassem histórias. As crianças contaram histórias da família, dos amigos e a todo o momento incluindo trechos das histórias contadas anteriormente.

Como a contação da Branca de Neve e os Sete Anões foi feita através de teatro, a atividade constou no teatro em si. Quando a contação acabou algumas crianças quiseram desenhar e nos desenhos saíram declarações para as estagiárias, mostrando assim, o laço afetivo criado entre estagiárias e crianças ao longo das contações.

E no final da história do Peter Pan, as estagiárias pediram para que formasse dois grupos, um lado sendo representado pelo Peter Pan e o outro pelo Capitão Gancho, tendo que imitar as vozes deles. Esta atividade admirou as estagiárias pois as crianças falavam em tom de descaso e agressividade ao fazer o papel do Capitão Gancho e ao fazer o Peter Pan fizeram vozes suaves. Depois se trocou os grupos para todos interpretarem ambos os personagens.

## 5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

A orientanda teve a idéia da realização deste projeto por achar encantador este mundo de contar histórias e por ter sempre estado no meio dele. Mas o que mais a impressionou foram os benefícios que estas contações produziram nas crianças, e nela própria, que será mostrado mais adiante.

Como foi dito, foram feitas contações uma vez por semana, durante dois meses seguidos, resultando no total de oito histórias contadas. Todas as contações foram gravadas e transcritas posteriormente. Das oito histórias contadas, somente cinco serão discutidas aqui. O critério utilizado para este fim foi utilizar as histórias que tiveram maiores elementos para uma análise do processo de interação contador-crianças, por possuírem riqueza de informações (questionamentos, interação, interesse, etc.) e diversos exemplos das participações das crianças.

As crianças na Creche eram divididas por faixa etária, indo do primeiro ano ao sexto. As crianças que participaram desta pesquisa foram crianças do primeiro ano, possuindo de quatro a cinco anos de idade. A grande maioria não sabia ler e uma minoria não costumava ouvir histórias. No início da pesquisa, que começou a partir do dia 14 de agosto deste ano, 2009, a turma do primeiro ano começou com cinco crianças, sendo este número aumentado a cada contação, chegando a 20 crianças a partir do sétimo encontro.

As estagiárias eram compostas por Janila Santiago, 24 anos, por Socorro Dinis, de 57 anos e a orientanda Mariana Almeida de 26 anos. A estagiária Janila possuía experiência na contação de histórias informalmente, quando contava para seus sobrinhos. E o mesmo ocorreu com a estagiária Socorro, que contava histórias para seus netos. Somente a orientanda possuía uma pequena habilidade na contação de histórias, pois há um ano ela havia feito um curso de

contação de histórias. As estagiárias mostraram interesse, disposição e habilidades, mesmo sem ter experiência profissionalmente, na contação de histórias.

Como foi mencionado neste mesmo item, foram selecionadas cinco histórias, sendo elas: João e Maria, Dona Baratinha, O Gato de Botas, A Branca de Neve e os sete Anões e o Peter Pan. A Tabela I mostra as informações referentes a cada um dos encontros escolhidos para análise.

Encontro	Contadora responsável	Local da contação	História contada	Número de crianças presentes	Outras pessoas presentes
Nº 1	Mariana	Biblioteca	João e Maria	5	Janila e Socorro
Nº 3	Mariana	Biblioteca	Dona Baratinha	13	Janila e Socorro
Nº 6	Mariana	Biblioteca	O Gato de Botas	15	Janila e Socorro
Nº 7	Janila	Biblioteca	Branca de Neve e os Sete Anões	20	Mariana e Socorro
Nº 8	Janila	Local aberto, ao lado da biblioteca	Peter Pan	20	Mariana e Socorro

Tabela I: Resumo das informações referentes às sessões de contação selecionadas para a análise.

Flores & Dias (2009) realizaram uma pesquisa acerca da interação contador-criança em hospital e propuseram algumas categorias para analisar as ações do contador que, potencialmente podem criar zonas de desenvolvimento proximal ao longo do processo de contação. A pesquisadora, neste projeto, retomou as categorias propostas por Flores e Dias e investigou se essas categorias se estenderiam à situação da creche. As duas situações são muito diferentes, posto que no projeto original de Flores e Dias, os contadores eram voluntários da Associação Viva e Deixe Viver, que recebem treinamento de seis meses. Nesse projeto, os contadores geralmente contam histórias a uma criança de cada vez, ou no máximo a três ou quatro crianças presentes numa enfermaria, e essas crianças estão geralmente acamadas e impedidas de se movimentarem muito. O presente caso é muito diferente, pois o contexto é de creche, as crianças estão saudáveis e livres para se movimentarem e os grupos são, geralmente, bem maiores do que no hospital. Além disso, as contadoras foram as estagiárias e não receberam treinamento específico algum. Surgiu então a pergunta – as categorias sugeridas por Flores e Dias se aplicariam também ao contexto da Creche? Que diferenças seriam encontradas entre esses dois contextos?

Algumas dessas categorias foram observadas também nesta pesquisa, com o foco nas crianças e nos contadores. A primeira categoria a ser observada por Flores & Dias (2009) foi a categoria de **convidar**, definida por elas como - Convidar para ouvir histórias ou evocar pedido para ouvir histórias. Esta categoria pode ser observada nas contações realizadas pela orientanda como:

“Estagiárias- Quem vai querer ouvir uma história?

Crianças- Tia, vocês vão contar histórias pra gente?

Estagiárias- Nós estaremos aqui toda sexta-feira contando historinhas para vocês.

Crianças- Ehhhh. (ênfase)”

Este exemplo ocorreu na primeira contação realizada, na história de **João e Maria**. Desde o início, as estagiárias deixaram que as crianças decidissem se queriam ouvir a história ou não, não fazendo da contação algo forçado e sim uma atividade lúdica livre.

O próximo exemplo foi extraído da história da **Dona Baratinha**, sendo este o terceiro encontro.

“Contadora: Olá crianças, tudo bem com vocês?”

Crianças: Tudo tiaaaa!!

Contadora: Quem vai querer ouvir historinha hoje levanta o braço.

Crianças: Eu; eu; eu; eu quero tia... o que vamos ouvir hoje?”

Outro exemplo ocorreu na contação do **Peter Pan**

Crianças- Oii tias; oi tia, que história vai ter hoje; oii tia baratinha; baratinhaaaaa;

Mariana- Oii crianças, como vocês estão?? Prontinhos para ouvir história? Quem vai querer participar?

Crianças- Euuu ; Qual vai ser a história de hoje tia”

Foi dada importância a essa categoria de “convidar” por Flores e Dias pois, no contexto hospitalar, a criança raramente pode se recusar a qualquer coisa, posto que os procedimentos hospitalares são compulsórios. O momento de contação era, então, um momento em que as crianças podiam ser sujeitos. Neste projeto da creche, também houve também a orientação de que a roda de contação não fosse compulsória, embora as coordenadoras da creche á época do início do projeto tenham estranhado a idéia e dito que não seria possível, por questões de organização. Isso nos fez refletir que, ao que parece, não é preciso estar acamado em um hospital para ser continuamente submetido a procedimentos

compulsórios. A situação é muito semelhante na creche estudada, em que as crianças têm uma rotina fixa e têm pouquíssimas oportunidades de escolha. Insistiu-se, então em que a contação fosse um momento de participação opcional, pois raciocinou-se que torná-la obrigatória seria contraditório com a idéia de que ler e ouvir histórias devem ser fontes de prazer. De fato, era permitido às crianças que preferissem outras atividades. Na história do **Gato de Botas**, uma criança pediu para ir brincar no parquinho pois não queria ouvir história.

“Criança- Tia, não quero ficar aqui não, pode ir pro parquinho?”

Contadora- Claro que pode ir brincar no parquinho, não tem problema.”

Outro aspecto interessante é que foi aos poucos se criando uma continuidade entre um encontro e outro, uma espécie de “cultura” do grupo de contação. Este exemplo de um convite para ouvir histórias foi tirado da contação do **Gato de Botas**, sendo este o sexto encontro:

“Contadora- Bom dia crianças!!!! Quem quer ouvir história hoje?”

Crianças- Tia baratinhaaaaaaaaaa (ênfase); Oie baratinha; baratinha que história vai contar hoje?”

Nota-se no exemplo que as crianças incorporaram elementos da história anterior, ou seja, chamaram a contadora de “Dona Baratinha”, em alusão à contação anterior. Bruner (2001) fala da importância dessa “cultura” do grupo que vai se formando, em que as narrativas vão se incorporando ao dia-a-dia das crianças. Esse aspecto será detalhado mais adiante. Por último, acerca do caráter não compulsório da atividade, é interessante notar que, muitas vezes, crianças que haviam dito que preferiam brincar no parque depois chegavam na roda “de mansinho” para ouvir a história.

Outra categoria que Flores & Dias utilizaram e que foi percebido nas contações, foi a de **inserir-se na história**, quando o contador relata algo sobre si ou faz comparações entre aspectos da história contada e da própria história. Flores e Dias (2009) focaram as ações do contador, mas no caso das contações realizadas com as crianças da creche, esta categoria foi observada tanto para o contador quando para a criança, como nos seguintes exemplos:

Exemplo extraído da história de **João e Maria**

“Contadora- Existia há muito tempo, uma cabana pobre feita de troncos de árvores, onde moravam um lenhador, sua esposa e seus dois filhos que eram muito amiguinho um do outro.

Uma criança falou que também tinha um irmão e que era o melhor amigo dele.

Criança- Tia, eu também tenho um irmão que é meu melhor amigo, a gente brinca muito.

Contadora- Eu também tenho um irmão e nós somos muito amigos também.

Nesta hora, a criança que falou do irmão perguntou a contadora se eles brincavam muito também.

Criança- tia, vocês brincam muito?

Contadora- Quando éramos crianças brincávamos mais, mas ainda sim brincamos às vezes.

Crianças- De que tia?

Contadora- Jogamos futebol, vídeo-game... essas coisas.

Criança- Que legal tia. (A Criança ficou rindo para a contadora)”

Outro exemplo surgiu na história da **Branca de Neve e os Sete Anões**:

“Contadora- agora vamos ter o cavalo do príncipe.

A criança que recebeu este personagem falou o seguinte para a contadora:

Criança- Tia, meu pai também tem um cavalo.

Contadora- É mesmo, e como é o cavalo?

Criança- Ele é grandão, todo preto.

Contadora- Que cavalo bonito hein.

Criança- Eu vou ser igual ele tia.

Contadora- igual como?

Criança- Valente e bonito.

Contadora- Então tá ótimo.

Neste hora, uma das crianças falou: Eu falei que o príncipe ia ter o cavalo dele.

A criança que recebeu o personagem do cavalo do príncipe saiu pulando e relinchando igual um cavalo.”

Este próximo exemplo foi da história da **Dona Baratinha**:

“Contadora- A partir desse momento em que eu achei a moedinha, eu tomei um banho, coloquei um vestidinho bem bonito, uma fita no cabelo e fiquei na janela da sala a espera do meu pretendente.

Crianças- Sério, tia? Tomou banho? Ah tia, eu também tomo banho pra ficar cheirosa.”

Agora esta categoria também surgiu na contação do **Gato de Botas**:

“Contadora- Na história tem um gato, que, aliás, é muito esperto.

Crianças- Tia, eu tenho um gato; eu não gosto de gato não, acho chato; mas tia começa a história.”

Na história do **Peter Pan** também surgiu elementos desta categoria, como:

“Contadora- Eu tenho um amigo..

Nesta hora as crianças começaram a falar:

Crianças- Eu também tenho tia; eu também..;”“Contadora- Então, e esse amigo que eu tenho tem a mesma idade que vocês

Crianças- Eu tenho seis tia, eu tenho cinco, eu também tenho cinco;

Contadora- isso mesmo! Eu tinha a idade de vocês quando eu conheci um amigo muito especial

Crianças- Sou eu né tia; eu também; eu tenho um amigo especial tia, ele é muito legal

Nesta hora, uma criança se levantou e se colocou ao lado da contadora falando que era sua amiga e que iria ficar do lado dela, e com isso outra criança fez a mesma coisa. As outras continuaram sentadas junto a estagiárias.”

Observa-se em todos os exemplos citados nesta categoria a participação ativa das crianças e a relação dialógica que se estabelece entre o contador e as crianças. As histórias das crianças emergem ao longo das diversas contações porque não é silenciada pela contadora, ao contrário, a contação é um momento em que a voz das crianças é valorizada.

Guimarães e Braga (S.D) citam Sawaya em seu artigo *A Professora Conta História e as Crianças Podem Contar Suas Histórias?:* “o relato de experiências e o contar histórias pessoais são necessários para a estruturação da memória do sujeito, que através desta, irá constituir a formação do homem, ajudando-o a compreender sua evolução e a tradição de sua sociedade.” Estes autores relatam uma experiência realizada na sala de aula de uma pré-escola, onde as narrativas das crianças são silenciadas pela professora quando as crianças interrompem a contação para falar sobre algo que aconteceu com elas. Sendo que isto não é uma maneira adequada de se fazer novos leitores.

Uma terceira categoria, proposta a partir das informações colhidas foi à categoria de **desenvolvimento de habilidades de leitor**, tendo como subcategorias (a) antecipar-se à história, (b) tirar conclusões próprias a partir de elementos da história e (c) integração de elementos da história no dia-a-dia das crianças. Trata-se de categorias que resumem interações em que, a partir da contação, as crianças começam a desenvolver habilidades que são importantes para a formação do leitor. Um bom leitor é ativo no processo, antecipa-se ao texto, tira conclusões e integra elementos da história aos seus conhecimentos prévios. A

ocorrência de todas essas atividades foi observada durante as contações e são detalhadas a seguir:

*Antecipar-se à história:*

Assim como na pesquisa de Flores e Dias (2009), também nesta pesquisa, as contadoras a todo tempo incentivaram as crianças a anteciparem elementos da história, e as crianças de fato realizavam essas antecipações. Trata-se de um claro exemplo do desenvolvimento de habilidades a partir da interação da contadora:

Serão mostrados alguns exemplos da história de **João e Maria**, onde ocorreu esta categoria:

“Contadora- A vida deles não era muito fácil porque na casa deles, em certas épocas não havia pão para todo mundo. A esposa do lenhador, que era madrasta das crianças.. ela era boa ou má?”

Crianças- Má tia, ela era uma bruxa;

Contadora- Isso mesmo, ela era muito ruim. Aí o que ela sugeriu para o lenhador?

Crianças- Que matasse as crianças tia; ela pediu para que ele sumisse com eles;

Contadora- Ela pediu para que o lenhador desse um pedaço de pão para João e para a Maria, para depois levá-los para a floresta e largarem eles lá.”

—

“Crianças – Aí eles conseguem jogar pedaços de pão no chão e voltar pra casa, não é tia?”

Contadora- Será? Vamos ver o que acontece. O pai ficou meio em dúvida, mas acabou fazendo o que a madrasta pediu. Mas adivinhem quem estava ouvindo tudo?

Crianças- Quem tia?

Contadora- As crianças.

Crianças- Eles fugiram?

Contadora- Não, João teve a idéia de pegar pedrinhas brancas que brilhavam no clarão da lua. Para que ele fez isso?

Crianças- Pra eles voltar pra casa tia.”

Será mostrada agora alguns destes elementos que surgiram na história da **Dona**

**Baratinha:**

“Contadora- Como eu disse, além de vaidosa eu gostava de limpeza, então um certo dia eu estava varrendo o jardim e advinha o que eu encontrei?

Crianças- Uma outra barata?

Contadora- Não, não, eu achei uma moedinha.”

—

“Contadora- Sabem como eu fazia para chamar a atenção dos animais que passavam?

Crianças- O que tia? O que?

Contadora- Eu cantava uma musiquinha. Era assim: Quem quer casar com a Dona Baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha?

A contadora, na hora de cantar a parte da fita do cabelo, pegou a fita que havia levado e colocou no cabelo, e depois pegou uma caixinha que havia levado também e colocou uma moedinha dentro, e na parte da música que fala do dinheiro na caixinha, a contadora balançava a caixinha.

Crianças- Canta de novo tiaaa

Contadora- Vamos lá, todos juntos: Quem quer casar com a Dona Baratinha que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha?

Nesta hora as crianças todas cantaram a música da dona baratinha, tanto os meninos quanto as meninas.”

Na contação do **Gato de Botas** também ocorreu esta sub-categoria:

“Contadora- Esse gato falava e até demais viu; ele perguntou para o senhor dele, que no caso seria o menino, se ele gostaria de ficar rico e o menino respondeu que sim, então o gato pediu que o senhor dele lhe comprasse um par de botas e um saco.

Crianças- Saco?

Contadora- Sabe o que ele fez?

Crianças- Foi caçar?; saiu correndo e sumiu?;

Contadora- o gato calçou o par de botas, colocou o saco nas costas e foi parar num coelhoio.”

—

“Contadora- Sabe o que aconteceu no dia seguinte?

Crianças- O que?

Contadora- No dia seguinte, o gato foi a caça de dois pássaros e conseguiu capturar e aonde ele foi?

Crianças- Pra floresta?; foi mostrar pro rei tia;

Contadora- Foi levar para o rei falando que era do Senhor..qual era o nome dele mesmo?

Crianças- Cabará tia? Caba. Alguma coisa, não lembro tia;”

Na contação da **Branca de Neve e os Sete anões** como na história do **Peter Pan**, esta sub-categoria de antecipar-se a história aconteceram com frequência, sendo mostradas a seguir algumas delas:

“Contadora- Todos os dias a madrasta visitava seu espelho e perguntava a ele:

Nesta hora, uma criança falou que sabia o que o espelho falava para a madrasta, então, a contadora pediu para que eles falassem o que o espelho falava.

Contadora- O que a madrasta perguntava para seu espelho?

Criança- Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?”

—

“Contadora- Quando o anão Dunga chegou perto da jovem, ele ficou admirando-a mas como ele era.. o que mesmo que ele era?

Crianças- Bonito tia?; legal?; Não tia, ele era desastrado;

Contadora- Isso mesmo, ele era todo atrapalhado. Então, quando ele foi chegando perto da Branca de Neve, ele tropeçou na quina da cama e caiu no chão, se afastando rapidamente da jovem pois ele ficou com medo de acordá-la com o seu barulho.”

Outra sub-categoria que surgiu foi a de *tirar conclusões próprias a partir de elementos da história*, ocorrendo em algumas histórias.

“Contadora- A vida deles não era muito fácil porque na casa deles, em certas épocas não havia pão para todo mundo. A esposa do lenhador, que era madrasta das crianças.. ela era boa ou má?”

Crianças- Má tia, se ela era má é porque ela é uma bruxa;”

Este exemplo ocorreu na história de **João e Maria**, onde a criança associa a maldade logo com a bruxa.

O próximo exemplo mostra um trecho da história da **Dona Baratinha**, quando as crianças rejeitam os pretendentes da baratinha por serem animais grandes e ela pequena.

“Contadora- Vou contar para vocês quem estava na minha janela, vocês nem imaginam..Era o senhor boi, muito bem vestido.

Crianças- um boi? Credo tia, mas um boi é muito grande pra senhora que é uma baratinha. Boi bem vestido?

Contadora- Mas eu tava desesperada né, aí estava topando tudo.”

—

“Foi só eu cantar que quem me aparece?”

Crianças: Quem tia? Quem? Já sei, foi um macaco? Uma girafa? Ah não, uma girafa é muito grande pra dona baratinha, tem que ser outra barata – homem.

Contadora: Vocês nem imaginam, foi o senhor galo, jogando todo o seu charme. Quando o avistei, perguntei: Galo que vai passando, quer comigo se casar? O senhor galo empinou o pescoço e falou: Claro que quero me casar com você, belezura.

As crianças na hora que a contadora falou belezura, caíram na gargalhada e repetiram: belezura.

Crianças- Tia, o seu noivo ter que ser charmoso, porque a senhora é.”

Outra sub-categoria que apareceu ao longo das contações, foi a de: *integração de elementos da história no dia-a-dia das crianças*. Esta sub-categoria ficou bem nítida nas

histórias a partir da contação da Dona Baratinha, quando as crianças integram de elementos da história no dia-a-dia, chamando a orientando de Baratinha. Alguns exemplos onde surgiram estes elementos:

“Contadora- Esse gato falava e até demais viu; ele perguntou para o senhor dele, que no caso seria o menino, se ele gostaria de ficar rico e o menino respondeu que sim, então o gato pediu que o senhor dele lhe comprasse um par de botas e um saco.

Crianças- Saco tia baratinha?” – História do **Gato de Botas**

—

“Uma criança chegou até a estagiária Mariana e perguntou por que o Peter Pan morava numa árvore se quem mora numa árvore é o Pica-Pau. Mariana respondeu que o Pica-Pau também morava numa árvore, mas não a mesma. A criança nesta hora respondeu:

Criança- Eita tia baratinha, é verdade né, o Peter Pan mora na Terra do Nunca e o Pica-Pau não..

Contora- Chegando na árvore, que era uma casa, Wendy começou a fazer uma coisa que as tias fazem aqui com vocês.

Crianças- brincaaaaar tia..; divertir; conversar; contar historinhas; pular;

Contadora- Isso mesmo, a Wendy contava historinhas para os meninos perdidos. Ela era uma contadora de história.” – História do **Peter Pan**

—

“Contadora- Lá Branca de Neve encontrou sete caminhas e resolveu juntá-las para poder dormir.

As estagiárias auxiliares perguntaram as crianças se elas sabiam de quem eram aquela casa. E As crianças responderam:

Crianças- Tia Baratinha, eu sei, era daqueles anõezinhos lá; Era dos 7 anões tia; Tinha o que só dormia tia, o bravo lá; etc.

E com isso a contadora falou:

Contadora- Muito bem crianças, era a casa dos 7 anões.” – Hitsória da **Branca de Neve e os Sete Anões.**

Em todos os exemplos das sub-categorias “desenvolvimento das habilidades de leitor, pôde-se perceber a questão do desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. A contadora fazendo estas perguntas, faz com que a criança comece a pensar no diálogo, e de fato, para Vygotsky (2001), o pensamento é diálogo internalizado e nasce do diálogo de fato. A contadora, leitora mais experiente, incentivou nas crianças a ocorrência de formas de pensamento verbal (antecipações, interpretações) que são importantes para a leitura ativa.

A orientanda definiu uma quarta categoria a partir das contações realizadas, que é a **dialética entre o real e o imaginário**. E dentro desta categoria tem o sub-categoria que a orientanda chamou de conflito entre o real e o imaginário. A todo o momento surgia nas crianças um conflito entre ser real e imaginário, mas sempre quando a história decorria as crianças iam entrando na fantasia, se desfazendo portanto, desta dialética. Um exemplo da constante tensão entre o real e imaginário nas elaborações das crianças se deu em um momento da contação da história da Dona Baratinha, como:

“Contadora- Então crianças, vou contar para vocês a minha história.

Crianças- A sua história, tia?

Contadora- isso, a minha história de quando eu era uma baratinha.

Crianças- baratinhaaaaaaaa, tia? (risos) Ah não tia, mentira que você era uma baratinha. Como você era uma baratinha se você é grande?”

—

“Contadora- Pois é crianças, eu era uma baratinha super formosa, vaidosa e não gostava de barulhos, eu era uma baratinha silenciosa, bem quietinha

Crianças- Vaidosa tia?? (risos) E barata é vaidosa? Barata é muito nojento, ecati.

Mas e esse cabelão tia, quando você era baratinha também tinha esse cabelo?

Contadora- Meu cabelo era sedoso, brilhoso e eu adorava pentear ele toda hora, ele era meu charme. Eu falei para vocês que eu era muito vaidosa, então.

Crianças- Mas tia, você era uma baratinha mesmo?

As crianças ficaram olhando para a contadora, admirando seus cabelos e olhando fixamente para ela.”

Nota-se neste último exemplo que as crianças já começam a entrar na fantasia:

“Contadora- É, uma moedinha. E vou contar para vocês que eu sempre tive um desejo..

Crianças- Desejo? Que desejo tia? Tia, barata tem desejo?

Contadora- Tinha um desejo enorme, que era de casar.

As crianças nesta hora riram e falaram:

Crianças- Casar, baratinha?; Que engraçado tia; tem que ser com outra barata então né;

Contadora- Pois é, casar. Mas quando eu encontrei uma moedinha, meu desejo ficou maior, porque agora eu poderia casar, para montar o casamento, ter uma casinha e por aí vai.

Crianças- Casamento? Essa baratinha tá chique.”

Esta dialética ocorreu também na contação do Gato de Botas e no Pete Pan, como:

“Contadora- Pensem no susto que o menino levou quando viu o gato falando com ele.

Crianças- gato fala mesmo? Gato não fala né tia?;

Contadora- Esse gato falava e até demais viu; ele perguntou para o senhor dele, que no caso seria o menino, se ele gostaria de ficar rico e o menino respondeu que sim, então o gato pediu que o senhor dele lhe comprasse um par de botas e um saco.”

—

“Contadora- Isso mesmo, a fada sininho tem poderes, ela é uma fada, então ela jogou um pozinho mágico na Wendy, no João e no Miguel para eles poderem voar como ela e o Peter Pan.

Crianças- Você voou tia?? Isso é verdade?

Contadora- A fada sininho me fez voar...

Crianças- você voou mesmo?? Que legal tia..

Crianças- A fada também jogou pozinho em mim..vou voar..; também quero uma amiga mágica tia;

Contadora- Eles voaram até a terra do nunca e chegando lá, as 3 crianças viram avistaram o barco pirata, a aldeia dos índios e a morada dos meninos perdidos. Só que o capitão Gancho viu eles voando e resolveu atacar eles.”

Estes foram alguns trechos que ilustram a dialética entre o real e o imaginário. De acordo com Vygotsky (1984), o brincar, que no caso desta análise, seriam as contações, propicia a criança o lúdico, a utilização da imaginação, colocando em foco a realidade, permitindo a criança à elaboração de situações que vivencia em seu meio.

Vygotsky (1984) fala sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal, que é a distancia do nível de desenvolvimento real determinado pela capacidade de resolver um problema sem ajuda, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através de resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com outro companheiro. Nas contações que foram realizadas, percebe-se continuamente a dinâmica relacionada à formação de ZDPs:

Exemplo extraído da História de **João e Maria**:

“Estagiárias- Gostamos de todos os tipos de histórias, se você me contar uma história aqui vou adorar.

Crianças- ah tia, a gente não sabe contar.

Estagiárias- Claro que sabem. Contem para gente o que vocês fizeram hoje de manhã, por exemplo.

Nesta hora, todas as crianças ficaram pensativas, quando uma começou a falar:

Crianças- Tia, eu acordei, tomei banho, tomei um leite e vim pra cá; eu tomei banho e vim comendo no caminho tia; eu escovei os dentes, lavei o rosto, troquei de roupa e vim pra cá também; ah tia eu fui levar meu irmão pra escola junto com a minha mãe;

Estagiárias- Olha que ótimo. Viu o que vocês acabaram de fazer?

Crianças- o que?

Estagiárias- Contaram uma história. Viu como vocês são capazes”

Neste exemplo, foi só ser instigada a pensar, e com a orientação de um adulto que a criança começou a se desenvolver. E não é somente com a orientação de adultos que isso é possível não: na contação da Branca de Neve e os Sete Anões, há uma demonstração deste processo. Várias crianças, que estavam participando da contação como as que estavam esperando sua vez de entrar, falaram a frase. Mas a criança que estava fazendo a personagem da madrasta, não conseguia falar a frase corretamente, sendo preciso repetir a frase 3 vezes. A criança que fazia o papel da bruxa na história, ficou ao lado da personagem da Madrasta para ajudá-la.

“Criança- Vai madrasta, você consegue de novo: Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?”

(E com a repetição da frase, a criança conseguiu falá-la corretamente.)

Este trecho consta na contação da Branca de Neve e os Sete Anões, podendo ser observado que a criança quanto o adulto podem ser auxiliares deste processo.

Nota-se, portanto, que a contação de histórias, quando é realizada de forma dialógica, ou seja, dando voz e oportunidade de participação à criança, pode ser um momento extremamente rico para a formação dos processos psicológicos superiores, especialmente aqueles relacionados às habilidades de um ouvinte e de um leitor competente. De acordo com Cordazzo e Vieira (2007), o aspecto social, cognição e a linguagem, podendo alcançar vocabulários novos através de interações sociais.

Em relação ao acréscimo no vocabulário, a orientando pode observar nas contações realizadas um questionamento por parte das crianças de palavras antes não conhecidas, como ocorreu na contação do **Gato de Botas** e no da **Dona Baratinha**.

“Contadora- o gato calçou o par de botas, colocou o saco nas costas e foi parar num coelho.

Crianças- Que isso tia?

Contadora- Coelhoira é onde ficam os coelhos

Crianças- O gato foi atrás de coelhos?

Contadora- Isso mesmo, ele fez uma armadilha jogando farelos para chamar a atenção do coelho e com isso ele conseguiu colocar o coelho dentro do saco.”

—

“Contadora- Isso mesmo, depois que eu terminei de cantar a música, quem apareceu? O senhor gato, todo pomposo.

Crianças- Pomposo tia? O que é isso?

Contadora- Pomposo é alguém cheio de charme, todo bonitão, arrumado.

Crianças- hummmm, o gato devia ser bem limpinho, né tia?

Contadora- Era sim, bem limpinho e cheirosinho.”

Estes foram alguns exemplos de aquisição de vocabulário através das contações. A orientanda fez somente uma entrevista com a monitora bolsista da Creche Comunitária do Varjão devido a desencontros e indisponibilidade de tempo e acesso. A monitora tinha 21 anos de idade, estuda Psicologia no Uniceub, começou na Creche este semestre e sua função é o que já foi descrito na Trajetória Metodológica, sendo uma auxiliadora das crianças. Essa entrevista foi realizada no quinto encontro com as crianças, e teve por objetivo saber o posicionamento da monitora sobre as contações e o que ela observou neste período. Serão mostrados alguns trechos da entrevista para se ter uma idéia inicial deste projeto:

“Estagiárias- Você acha que a contação de histórias está tendo benefícios para as crianças?

Monitora- Muito, com certeza muito. A atenção melhorou bastante, tem uns que ficam mais quietos agora, e quando falo “gente, quem não fizer a tarefinha não vai p historinha”, pronto acabou, eles fazem tudo muito correndo pra não perderem a historinha , é ótimo ótimo. É o que eu falei, a imaginação flui, é incrível como a imaginação flui. A criatividade floresceu

neles, eu não digo que aumentou porque a gente não mede isso, mas está mais visível, eles estão mais dispostos a fazerem uma coisa que eles não queriam , entendeu? É bom porque um faz, aí todos fazem, é incrível.”

Pode-se perceber, portanto, através da fala da monitora responsável pela turma do 1º ano da Creche que esta confirmou que, em sua percepção, a contação de história propicia além de um bem-estar, fontes de aprendizado. As contadoras têm a possibilidade de impulsionar as crianças ao desenvolvimento psicológico, utilizando-se assim da mediação simbólica para a este fim.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo visou investigar como o contexto de contações de histórias promove a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças na fase pré-escolar. Pode-se observar através dos capítulos, o quanto de benefícios que estas contações proporcionam, não somente a criança, mas também para o contador.

Esta interação contador-livro-criança proporcionou as crianças da pesquisa zonas de desenvolvimento imediato de processos psicológicos superiores, como atenção voluntária, memória verbal e raciocínio abstrato. Pode-se observar isto através das contações, das categorias analisadas pela orientanda, pois a maneira como foi tratada as histórias influenciaram no desenvolvimento delas, fazendo com que elas interagissem mais e questionem os acontecimentos da história.

As estagiárias tinham o propósito de contar histórias sem livros, pois para elas, o livro inibe a imaginação da criança. E isto foi alcançado com vigor, pois as crianças demonstraram a cada contação o quanto elas são capazes de imaginar, elaborar e interagir, fazendo com o desenvolvimento da aprendizagem se aprimore mais facilmente.

As crianças nesta fase pré-escolar estão no processo de desenvolvimento da leitura e da escrita. Observou-se, portanto, que através dos contos, a criança afere seu vocabulário, possibilitando a ela o desenvolvimento das habilidades que são importantes para a formação do leitor, enriquecendo assim, seu aprendizado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amarilha, Marly. (1997). **Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica**. Petrópolis: Vozes.

Abramovich, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 2ª Ed. São Paulo: Scipione

Soares, Ângela da Silva (2009). **Concepção de Infância e Educação Infantil**. Disponível em: [www.artigonal.com](http://www.artigonal.com). Acesso em 05 out. 2009

Ariès, Philippe. (2006). **História social da Criança e da Família**. Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro.

Baukat e Mengarda. (2006). **Importância de Contar Histórias**. Revista de divulgação técnico-científica do ICPG (Instituto Catarinense de Pós-Graduação)- 2, 8, jan/jun,101-106.

Bettelheim, Bruno. (1985). **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

\_\_\_\_\_. (2000). **A psicanálise dos contos de fadas**. 14ª ed. São Paulo: Paz e Terra

Busatto, Cléo. (2003). **Contar e Encantar: Pequenos Segredos da Narrativa**. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Bruner, J. (2001). **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed.

Carrara, Kester. (2004). **Introdução à Psicologia da educação: seis abordagens**. São Paulo.

Carneiro e Ludwing (2008). **A importância das obras literárias infantis para o aprendizado das crianças.** Revista Leonardo - Órgão de Divulgação Científica e Cultural da ASSELVI; 6, 17, Jul./Dez, 53-57.

Carvalho, Bárbara Vasconcelos. (1985). **A Literatura Infantil- Visão Histórica e Crítica.** 4ª Ed. São Paulo: Global.

Coelho, Nelly Novaes. (1984). **A Literatura Infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo. Editora Ática.

Cordazzo e Vieira (2007). **A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e desenvolvimento.** Estudos e Pesquisas em Psicologia, 7,1, RJ.

Daniels, Harry (2001). **Vygotsky e a pedagogia.** São Paulo: Loyola.

\_\_\_\_\_ (2002). **Vygotsky e a pedagogia.** São Paulo: Loyola.

\_\_\_\_\_ (2003). **Uma Introdução à Vygotsky.** São Paulo: Loyola.

Góes, Lúcia Pimentel. (1991). **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil.** 2ª Ed. São Paulo: Pioneira.

Guilherme e Braga. (2004). **A Professora conta histórias. E as crianças, podem contar suas histórias? Disponível em:** [www.alb.com.br/anais16/sem13pdf/sm13ss11\\_03.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/sem13pdf/sm13ss11_03.pdf).

Acesso em 13 nov-2009

Kato, M.A.; Moreira, N. e Tarallo, F. (1997) **Estudos em alfabetização.**

Oliveira, Keyla Andrea Santiago. (2007). **Concepção de Infância retratada nas obras de Candido Portinari**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação pela Universidade Federal de Goiás em Educação.

Flick, U. (2004). **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2ª Ed. Porto Alegre: Bookman.

Grudgeon, E. & Gardner, P. (2000). **The art of storytelling for teachers and pupils**. Londres: Editora David Fulton.

Leardini, Eleuza Maria Ferreira. (2006). **O contar historias na educação infantil : um estudo acerca dos valores atribuidos por professores sobre a importancia dessa pratica para o desenvolvimento da função simbólica**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação em Campinas-SP.

Leontiev, Alexis. (1998) – **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. 6º edição, São Paulo: Editora Ícone LTDA

Luria, Leontiev, Vygotsky e outros. (1991) – **Psicologia e Pedagogia- bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. São Paulo: Editora Moraes

Mallan, K. (1991) **Children as Storytellers**. Newtown: Primary English Teaching Association. (Reimpressão em 1993). New Hampshire: Heinemann.

P. & Dias, A. R. (2009). **Contadores de história em contexto hospitalar: uma proposta de análise das ações do contador**. Trabalho apresentado na XXXIX Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia. Goiânia, Outubro de 2009.

Priore, Mary Del.(org.). (1999). **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto.

Silva, Maria Betty Coelho. (1997). **Contar histórias – Uma arte sem idade**. 7ª Ed. São Paulo: Ática.

Silva e Wolff (2008). **Educação Infantil e Infância**. Revista Leonardo - Órgão de Divulgação Científica e Cultural da ASSELVI; 5, 16, Jan./Jun, 85-87

Tahan, Malba. (1961). **A Arte de Ler e Contar Histórias**. 2ª edição. Rio de Janeiro – Brasil

Victoriano, Oliveira e Ferrão. (2005). **A importância da literatura infantil na pré-escola como estímulo à leitura**. Revista A CAMINHO... Apelo à pesquisa – Batatais, 3, 27-34.

Vygotsky, L.V. (1984). **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 1ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes.

\_\_\_\_\_ (1987). **A Construção do Pensamento e Linguagem**. SP: Editora Martins Fontes

\_\_\_\_\_ (2000). **Vygotsky e a pedagogia**. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_ (2001). **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo. Martins Fontes.

\_\_\_\_\_ (2007). **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7ª Ed. São Paulo: Editora Martins Fontes.

Oliveira, Marta Kohl (1997). **Vygotsky -Aprendizagem e desenvolvimento- um processo sócio-cultural**. São Paulo: Editora Scipione.

Zilberman, Regina (2003). **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Editora Global.

## APÊNDICE

### Apêndice 1

#### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – MONITORA RESPONSÁVEL**

A presente pesquisa, vinculada ao Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde e da Educação (FACES) do UniCEUB tem por objetivo investigar como o contexto de contação de histórias pode promover a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças na fase pré-escolar. A pesquisa será realizada por meio de entrevistas e observações. A pesquisa tem por finalidade observar de que maneira o contexto de contação de histórias pode facilitar o desenvolvimento das crianças. As entrevistas serão realizadas pela pesquisadora envolvida na pesquisa, na sala dos professores da Creche Comunitária do Varjão. Caso você permita, as entrevistas serão gravadas para posterior transcrição e consistirão em quatro a seis encontros de, no máximo, 50 minutos cada. A pesquisadora realizará as entrevistas com você umas 2 vezes ao mês, durante 3 meses, para poder acompanhar as suas observações sobre o contexto de contação de histórias. O pesquisador irá ficar em lugar o mais discreto possível para não atrapalhar a contação de histórias.

Para que não ocorram constrangimentos e incômodos, você não será obrigado a falar e responder perguntas que possam te ofender, além disso, sua opinião e silêncio serão totalmente respeitados. Sua identidade será mantida em sigilo, assim como quaisquer dados pessoais que surgirem nas observações e entrevistas. Os resultados poderão ser utilizados para fins acadêmicos e científicos (congressos, artigos, resenhas, etc.). Você poderá se recusar ou desistir de participar da pesquisa a qualquer momento e por qualquer motivo. Sua desistência ou não participação não acarretará em necessidade de indenização ou problema algum para

você. Além disso, você terá total liberdade para questionar, opinar e solicitar esclarecimentos acerca dos assuntos das entrevistas e das observações. Sua participação na pesquisa será totalmente voluntária, portanto, não haverá pagamento. Em caso de dúvida você poderá entrar em contato com os pesquisadores e com o Comitê de Ética em Pesquisa do UniCEUB pelos e-mails e telefones abaixo.

**Concordo em participar:**

---

Assinatura

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

---

Profa. Dra. Eileen Pfeiffer Flores

Professora de Psicologia

Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES

Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Contato: eileenflores@brturbo.com.br

---

MS. Mariana de Lourdes Almeida

Aluna de Monografia do UniCeub

FACES – Faculdade de Ciências da Saúde e Educação

Contatos: Almeida\_marii@hotmail.com

Telefone: (61) 8130 0815

CEP- UniCEUB – Comitê de Ética e Pesquisa do UniCEUB

Contato: 61. 3340-1363

E-mail: comitê.bioetica@uniceub.br

## **Apêndice 2-**

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – PAIS E/OU RESPONSÁVEIS**

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa, vinculada ao Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde e da Educação (FACES) do UniCEUB, sobre como a contação de histórias pode promover a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças na fase pré-escolar. Caso você concorde, um pesquisador irá observar a interação entre o contador e a criança (seu filho ou filha ou criança sob sua responsabilidade) na Creche Comunitária do Varjão.

Sua identidade e a da criança serão mantidas em sigilo, assim como quaisquer dados pessoais que surgirem nas observações e entrevistas.

Os resultados poderão ser utilizados para fins acadêmicos e científicos (congressos, artigos, resenhas, etc.).

Você poderá se recusar ou desistir de participar da pesquisa a qualquer momento e por qualquer motivo. Sua desistência ou não participação não acarretará em necessidade de indenização ou problema algum para você.

Além disso, você terá total liberdade para solicitar esclarecimentos acerca da pesquisa e das observações. Sua participação na pesquisa será totalmente voluntária, portanto, não haverá pagamento. Em caso de dúvida você poderá entrar em contato com os pesquisadores e com o Comitê de Ética em Pesquisa do UniCEUB pelos e-mails e telefones abaixo.

**Concordo em participar:**

---

Assinatura

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

---

Profa. Dra. Eileen Pfeiffer Flores

Professora de Psicologia

Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES

Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Contato: eileenflores@brturbo.com.br

MS. Mariana de Lourdes Almeida

Aluna de Monografia do UniCeub

FACES – Faculdade de Ciências da Saúde e Educação

Contatos: Almeida\_marii@hotmail.com

Telefone: (61) 8130 0815

CEP-UniCEUB – Comitê de Ética e Pesquisa do UniCEUB

Contato: 61. 3340-1363

E-mail: [comite.bioetica@uniceub.br](mailto:comite.bioetica@uniceub.br)

### Apêndice 3-

A LETRA A SIGNIFICA ALUNA, A LETRA M SIGNIFICA MONITORA.

Primeira entrevista com a Monitora – Creche – dia 11/09/2009

A- O que você sabe sobre a contação de histórias?

M- o trabalho q vcs fazem aqui né?

A- isso

M- Muito bom, é ótimo. É bom que as crianças tem um pouco mais dessa infância que elas perdem as vezes, fazem a imaginação delas criarem cada vez mais, e é bom porque elas vão evoluindo sempre, com esse negócio da criação, do conto de fadas é muito importante pra fazerem elas criarem.

A- Você acha que a contação de histórias está tendo benefícios para as crianças?

M- Muito, com certeza muito. A atenção melhorou bastante, tem uns que ficam mais quietos agora, e quando falo “gente, quem não fizer a tarefinha não vai p historinha”, pronto acabou, eles fazem tudo muito correndo pra não perderem a historinha , é ótimo ótimo. É o que eu falei, a imaginação flui, é incrível como a imaginação flui. A criatividade floresceu neles, eu não digo que aumentou porque a gente não mede isso, mas está mais visível, eles estão mais dispostos a fazerem uma coisa que eles não queriam , entendeu? É bom porque um faz, aí todos fazem, é incrível.

A- Sobre a contação em si, o que você compreende?

M- na verdade eu não sei muito, porque nunca fiquei por dentro desse assunto, mas vocês vêm e contam uma história né, e pelo o que eu percebo vocês fazem um trabalhinho depois, que é o mais importante, eu acho, que é muito interessante, vocês já fizeram espada semana passada, o do algodão também que eu adorei e a dona baratinha faz o maior sucesso, nossa como faz sucesso. É muito importante mesmo o que vocês fazem porque além de contar a história, vocês realizam uma atividade com relação a história contada, é bom pra dicção, e fazer com que as crianças desde pequenas entendam já o texto, isso ficou bom. O bom de crianças é quem eles falam mesmo, se gostou gostou se não gostou sai fora e vamos embora, é tipo isso.

A- Teve até uma contação que uma criança falou que não havia gostado da história. Aí falei para ele que ele tinha o total direito de não gostar.

M- exatamente, e eles falam mesmo, o bom é isso. Mas a Dona Baratinha eles amam, nossa como amam a dona baratinha.

A- Pelo o que você está observando nas crianças em relação a contação, o que vc acha q a contação pode proporcionar a elas?

M- É o que eu falei, imaginação né, uma educação melhor, porque dependendo do conto já passa algo legal para elas, atenção, é isso mesmo.

A- Você acha q a parte da aprendizagem, linguagem, escrita, do falar deles melhorou?

Você notou diferença nestes aspectos?

M- Sim, porque convivendo né, eles sempre pegam. Tem crianças que não sabem ler e nem escrever, então pra ver a escrita e tal não dá p ver isso,. Todos estão começando, neste

processo, é fato já mas é difícil mesmo assim, porque a gente tem uns que são bem mais inteligentes que outros e tal..

A- Creio que a questão não seja o mais inteligentes, mas o que você quis dizer é que alguns tenham uma maior facilidade que outros, é isso?

M- Isso, maior facilidade de aprendizagem, mas a questão do falar, da linguagem, esse contato com a gente vai melhorando, tanto você quanto com a gente, qualquer pessoa aqui da creche.

A- Você acha que a linguagem tá melhorando em que aspecto? Na criação de novas palavras? Eles recontam as histórias?

M- Eles contam as historinhas, já ouvi eles contando as historinhas.

A- Eles contam o que a gente ( os contadores) conta para eles?

M- Às vezes, quando vocês contaram a história da dona baratinha todos vieram recontar a história, do jeito deles né, que você acaba não entendendo nada, eles vão criando, não é nem uma linguagem, e sim uma forma de lidar mais com a convivência com os outros.

A- Seria uma forma de expressão?

M- Isso, uma forma de expressão. Ele consegue conversar melhor com os outros.

A- Como você vê o nosso trabalho aqui?

M- É como eu disse, nossa, a imaginação de vocês é ótima também, pra mim o mais importante que vocês fazem é o trabalho depois.

A- A atividade né?

M- Isso, pra mim isso é o que mais faz diferença. Eles adoram porque mexe com a coordenação motora, então isso pra mim é 10.

A- Eu vou te contar que isso tá sendo o mais difícil de fazer.

M- Com certeza é o mais difícil, porque assim, não é fácil você está ali e você vai contando e eles nossa e agora, o que vai acontecer né, agora quando chega na hora de fazer as coisas, nossa é uma coisa difícil.

A- Nós, estagiárias, tentamos fazer a atividade sempre baseada na história, coordenando com ela

M- Acho também interessante porque vocês conseguem passar pra eles o seguinte: estamos fazendo a espada porque a história foi de pirata, a ovelhinha por causa disso e disso, esse que é o mais importante, que aí eles conseguem capturar mesmo. É muito legal.

A- O que você espera dessas nossas contações?

M- Eu espero que eles tenham muito mais atenção, muito mais força de vontade, tipo, se eu passar uma coisa e eles terem essa vontade, tipo, e agora o que eu tenho que fazer com o que ela acabou de falar, sabe, essa coisa de querer interpretar, de querer prestar bastante atenção mesmo. A contação os acalma, eles ficam quietos, prestam bastante atenção.

A-A questão da atenção é interessante porque nós (estagiárias) reparamos que as crianças por mais que elas fiquem de lá pra cá na hora da história, eles ainda assim, prestam muita atenção. Quando a gente pergunta algo para eles no meio da história sobre a história eles respondem certinho, é impressionante mesmo.

M- Isso é muito legal mesmo, porque não é a atenção concentrada mas também não é totalmente difusa.

A- Falando em atenção, você acha que a atenção deles melhorou após o início do projeto de contação?

M – Muito, com certeza. Antes eles ficavam dispersos demais mesmo, agora eles conseguem prestar maior atenção ao que a gente fala.

A- Eles tentam interpretar as coisas?

M- Com certeza. O Mike – nome de um aluno – principalmente. É bem perceptível o interesse dele. Tem outros alunos que estou notando um meio interesse pelas coisas. Vou começar a observar mais agora. (Risos).

A- Obrigada pela entrevista viu.

M- Obrigada vocês e a partir de agora vou observar mais o comportamento deles.

## **Apêndice 4- Transcrição das Contações**

### **Transcrição 1**

Transcrição- João e Maria

Como era o primeiro dia de contação de histórias, nós estagiárias, fomos até a sala dos alunos do primeiro ano e nos apresentamos com os nossos nomes e pedimos para que eles nos acompanhassem até a biblioteca, onde seria o local da realização das contações.

Estagiárias- Bom dia crianças.

Crianças- Bom dia, tias.

Desde o primeiro momento, as crianças nos chamaram de tia.

Estagiárias- Vamos começar com os nomes né; eu me chamo Mariana, está é a tia Janila e está é a tia Socorro.

Depois das estagiárias terem falado o nome de cada uma, foi à vez das crianças.

Estagiárias- Quem vai querer ouvir uma história??

Crianças- Tia, vocês vão contar histórias pra gente?

Estagiárias- Nós estaremos aqui toda sexta-feira contando historinhas para vocês.

Crianças- Eeehhh! E que história vão contar pra gente hoje?

Estagiárias- Antes de responder qual a historinha de hoje, nós queremos saber qual tipo de histórias que vocês gostam de ouvir.

Crianças- Tia, eu adoro o sítio do pica-pau amarelo; eu também gosto de sítio, tia; ah, eu gosto da Barbie..

Estagiárias- Nós também gostamos do sítio do pica-pau amarelo; também gostamos da Barbie e tem muitas outras histórias que gostamos de ouvir e de contar também.

Crianças- sério tia, qual história?? Que história vocês gostam?

Estagiárias- Gostamos de todos os tipos de histórias, se você me contar uma história aqui vou adorar.

Crianças- ah tia, a gente não sabe contar.

Estagiárias- Claro que sabem. Contem para gente o que vocês fizeram hoje de manhã, por exemplo.

Nesta hora, todas as crianças ficaram pensativas, quando uma começou a falar:

Crianças- Tia, eu acordei, tomei banho, tomei um leite e vim pra cá; eu tomei banho e vim comendo no caminho tia; eu escovei os dentes, lavei o rosto, troquei de roupa e vim pra cá também; ah tia eu fui levar meu irmão pra escola junto com a minha mãe;

Estagiárias- Olha que ótimo. Viu o que vocês acabaram de fazer?

Crianças- o que?

Estagiárias- Contaram uma história. Viu como vocês são capazes?

As crianças ficaram dando sorrisos, envergonhados.

Crianças- Mas tia, o que vocês vão contar pra gente?

Estagiárias- Quem vai contar a historinha de hoje vai ser a Tia Mari.

Crianças- Oiii tia Mariiii..

Contadora- Oiii crianças. Estão curiosas para saber qual vai ser a historinha de hoje?

Crianças- Simmmmm (ênfase)

Contadora- Vou contar a historinha de dois irmãos que moravam numa casa perto da floresta.

Crianças- na floresta tia?; você não ouviu a tia, eles moravam perto da floresta;

Crianças – eita tia, já sei quem são eles.

Contadora- Ah é, e que são eles?

Nesta hora, uma das crianças falou:

Criança- é a história daqueles irmãos tia.. que tem a casa de doces também

Contadora- Hummmm.. Será que existe uma casa de doce na história?

Crianças- Conta tia, conta; existe sim tia e eu vou comer ela toda;

Contadora- Existia há muito tempo, uma cabana pobre feita de troncos de árvores, onde moravam um lenhador, sua esposa e seus dois filhos que eram muito amiguinho um do outro.

Uma criança falou que também tinha um irmão e que era o melhor amigo dele.

Criança- Tia, eu também tenho um irmão que é meu melhor amigo, a gente brinca muito.

Contadora- Eu também tenho um irmão e nós somos muito amigos também.

Nesta hora, a criança que falou do irmão perguntou a contadora se eles brincavam muito também.

Criança- tia, vocês brincam muito?

Contadora- Quando éramos crianças brincávamos mais, mas ainda sim brincamos às vezes.

Crianças- De que tia?

Contadora- Jogamos futebol, vídeo-game... essas coisas.

Criança- Que legal tia. (A Criança ficou rindo para a contadora)

Crianças- Ah tia, agora eu lembrei, é o João e o Pedrinho.

Contadora- Quase isso, é a história do João e da Maria.

Crianças- Eu só lembrava do João tia (risos)

Contadora- A vida deles não era muito fácil porque na casa deles, em certas épocas não havia pão para todo mundo. A esposa do lenhador, que era madrasta das crianças.. ela era boa ou má?

Crianças- Má tia, se ela era má é porque ela é uma bruxa;

Contadora- Isso mesmo, ela era muito ruim. Aí o que ela sugeriu para o lenhador?

Crianças- Que matasse as crianças tia; ela pediu para que ele sumisse com eles;

Contadora- Ela pediu para que o lenhador desse um pedaço de pão para João e para a Maria, para depois levá-los para a floresta e largarem eles lá.

Crianças – Aí eles conseguem jogar pedaços de pão no chão e voltar pra casa, não é tia?

Contadora- Será? Vamos ver o que acontece. O pai ficou meio em dúvida, mas acabou fazendo o que a madrasta pediu. Mas adivinhem quem estava ouvindo tudo?

Crianças- Quem tia?

Contadora- As crianças.

Crianças- Eles fugiram?

Contadora- Não, João teve a idéia de pegar pedrinhas brancas que brilhavam no clarão da lua. Para que ele fez isso?

Crianças- Pra eles voltar pra casa tia.

Contadora- Isso mesmo, a madrasta e o pai deixaram eles na floresta, mas quando anoiteceram eles puderam ver direitinho as pedras e voltaram para casa. Maaaaas, a bruxa da madrasta não gostou de ver aquelas crianças de novo na casa e planejou fazer a mesma coisa no dia seguinte.

Crianças- Agora eles fugiram?

Contadora- O que vocês acham?

Crianças- Não tia, eles vão jogar as pedrinhas e vão voltar.

Contadora- Mas eles já fizeram isso e voltaram, mas será que eles vão fazer isso de novo?

Crianças- iiii, não sei.

Contadora- Eles até pensaram em fazer isso de novo, mas a madrasta trancou eles no quarto para não poderem sair a procura de pedrinhas. Mas aí o dia amanheceu e o que aconteceu?

Uma criança começou a falar:

Criança- Eles foram pra floresta e encontraram a casa de doces e depois a bruxa queria comer eles e depois eles conseguiram voltar pra casa.

Contadora- Nossa, será que isso tudo aconteceu? Casa de doces? Humm

Crianças- Tia, eu adoro doce, gosto mais de chocolate; eu também tia; eu não gosto muito de doce não, prefiro balinha;

Contadora- Eu também gosto muito de doce. Mas aí, eles foram abandonados na floresta e não tinham mais as pedrinhas, sabe o que eles fizeram? Quando eles estavam indo para a floresta, João esfarelou todo o seu pão e o da Maria para deixar marcado o caminho de volta.

A criança que havia falado sobre jogar pedrinhas para voltar falou:

Criança- Foi farelo de pão mesmo tia, eu confundi com a pedrinha.

Contadora- Quando eles foram procurar os farelos no chão, eles não encontram nada, sabe porque?

Crianças- A gente sabe tia, o pássaro passou e comeu tudo.

Contadora- Foi isso mesmo, a esperança que eles tinham para voltar para casa através do farelo de pão não existia mais.. mas aí eles começaram a andar..andar..

Criança- Agora é a casa de doce?

Contadora- Isso mesmo, a fabulosa casa de doces.

Uma criança fez uma cara de pensativa e perguntou a contadora o que seria fabulosa. A contadora e as estagiárias responderam que fabulosa seria fantástico, maravilhoso.

Criança- Uma fabulosa casa de doce, humm

Contadora- Isso mesmo, e como eles estavam com muita fome, começaram a comer pedaços da casa.

Crianças- Ecati tia, que nojento;

Contadora- Se vocês vissem uma casa de doce, o que vocês fariam?

Crianças- Tia, não existe casa de doce né; existe sim e eu comeria todos os doces; eu também tia, até estourar;

Contadora- Se eu visse uma eu comeria também.

Nesta hora, a criança que perguntou se existia casa de doce, falou:

Criança- existe mesmo tia? Será? Se eu visse uma então eu também comeria;

Contadora- Quando as crianças estavam saboreando os doces, quem aparece para eles?

Criança- A madrasta?; A bruxa?

Contadora- Uma velhinha bem feia, com os dentes todos estragados, segurando uma begala era a dona da casa de doces. Ela convidou João e Maria para entrarem na casa e lhes serviu um jantar bem gostoso pois viu que eles estavam com fome.

Crianças – ah tia, se era horrorosa era porque era uma bruxa.

Crianças- e aí tia?

Contadora- Mas quando amanheceu, a bruxa colocou João dentro de um porão e dava para ele comidas deliciosas.. mas por que a bruxa dava comida para eles?

Crianças- Ué tia, porque eles estavam magrinhos aí a bruxa queria comer.

Contadora- Será? Olha, é verdade, a bruxa gostava de criançinhas bem gordinhas e o Joãozinho estava bem magrinho.

Crianças- E a Maria tia?

Contadora- A Maria era obrigada a preparar a comida para o João comer, a mando da bruxa. E a bruxa ia todos os dias ao porão ver se o Joãozinho estava ficando gordinho, mas como ela era meio cegueta, ela pedia para que ele mostrasse seu braço.

Crianças- Não tia, era o dedo.

Contadora- Eita, é mesmo, era um dedo. Mas na verdade não era o dedo que ele mostrava e sim um ossinho de galinha.

Nesta hora as crianças riram e falaram:

Crianças- Ossinho de galinha, tia, que engraçado; ele enganou a bruxa tia;

Contadora- Ele foi espertinho, não acham? A bruxa pegava no ossinho de galinha achando que era o dedo. Para a bruxa, Joãozinho continuava magro demais. Mas a bruxa não agüentou esperar tanto tempo mais e resolveu comer João e a Maria num caldeirão.

Crianças- E aí tia?

Contadora- Quando o forno estava bem quente, a bruxa mandou a Maria se enfiar lá dentro para ver se a água já estava fervendo.

Crianças- A Maria morreu tia?

Contadora- Sabe o que aconteceu? A Maria sabia q bruxa era muito má, então fingiu que não sabia entrar no forno e pediu para a bruxa ensinar a fazê-la.

Criança- E a bruxa?; Ihhh tia, a bruxa caiu e morreu;

Contadora- A bruxa indignada enfiou a cabeça no forno para mostrar a Maria como se fazia e com isso, Maria a empurrou e saiu correndo para libertar seu irmão.

Criança- a bruxa burra morreeeeuuu (ênfase), eu falei tia;

Contadora- Morreu e com isso a Maria libertou João e eles saíram correndo para encontrar sua casa.

Crianças- E aí tia, eles encontraram o pai?; eles encontram o pai e saem da floresta?; e a madrasta?

Contadora- As crianças conseguem chegar em casa e encontram seu pai triste por ter abandonado eles. A madrasta havia morrido.

Uma criança nesta hora falou:

Criança- Ixi tia, a madrasta era a bruxa da casa de doce (risos)

Contadora- Eita, será? Se for ela é duplamente má.

Crianças- Ah tia, que bom que eles encontraram o pai; tia já sei o final- eles ‘encontrou’ o pai e foram felizes para sempre;

Contadora- Foi isso, eles encontraram o pai e como a madrasta má não estava mais lá, eles conseguiram ser felizes, os três juntos.

Crianças- Ehh tia, que legal.

## **Transcrição 2**

Contação – Dona Baratinha

Contadora- Mariana de Lourdes

Contadora: Olá crianças, tudo bem com vocês??

Crianças: Tudooo

Contadora- Quem quer ouvir histórias hoje levanta o braço!!

Crianças- eu, eu, eu, eu tia, o que vamos ouvir hoje?

Contadora- O que vocês acham?

Crianças- história de fadas? História de terror? Ah tia, conta logo vai

A contadora nesta hora pediu para que as crianças formassem uma roda para ouvirem a história. Acabou que todos se juntaram a frente da contadora.

Contadora- Então crianças, vou contar para vocês a minha história.

Crianças- A sua história, tia?

Contadora- isso, a minha história de quando eu era uma baratinha.

Crianças- baratinhaaaaaaaaa, tia? (risos) Ah não tia, mentira que você era uma baratinha. Como você era uma baratinha se você é grande?

Você era uma baratoná né tia?

Nesta hora, as crianças ficaram olhando atentamente para a contadora, um olhar de dúvida, de questionamento.

Contadora- Pois é crianças, eu era uma baratinha super formosa, vaidosa e não gostava de barulhos, eu era uma baratinha silenciosa, bem quietinha

Crianças- Vaidosa tia?? (risos) E barata é vaidosa? Barata é muito nojento, ecati.

Mas e esse cabelão tia, quando você era baratinha também tinha esse cabelo?

Contadora- Meu cabelo era sedoso, brilhoso e eu adorava pentear ele toda hora, ele era meu charme. Eu falei para vocês que eu era muito vaidosa, então.

Crianças- Mas tia, você era uma baratinha mesmo?

As crianças ficaram olhando para a contadora, admirando seus cabelos e olhando fixamente para ela.

Contadora- Como eu disse, além de vaidosa eu gostava de limpeza, então um certo dia eu estava varrendo o jardim e advinha o que eu encontrei?

Crianças- Uma outra barata?

Contadora- Não, não, eu achei uma moedinha.

Crianças- Uma moedinha? Eita tia

Contadora- É, uma moedinha. E vou contar para vocês que eu sempre tive um desejo..

Crianças- Desejo? Que desejo tia? Tia, barata tem desejo?

Contadora- Tinha um desejo enorme, que era de casar.

As crianças nesta hora riram e falaram:

Crianças- Casar, baratinha?; Que engraçado tia; tem que ser com outra barata então né;

Contadora- Pois é, casar. Mas quando eu encontrei uma moedinha, meu desejo ficou maior, porque agora eu poderia casar, para montar o casamento, ter uma casinha e por aí vai.

Crianças- Casamento? Essa baratinha tá chique

Contadora- A partir desse momento em que eu achei a moedinha, eu tomei um banho, coloquei um vestidinho bem bonito, uma fita no cabelo e fiquei na janela da sala a espera do meu pretendente.

Crianças- Sério, tia? Tomou banho? Ah tia, eu também tomo banho pra ficar cheirosa.

Contadora- Sabem como eu fazia para chamar a atenção dos animais que passavam?

Crianças- O que tia? O que?

Contadora- Eu cantava uma musiquinha. Era assim: Quem quer casar com a Dona Baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha?

A contadora, na hora de cantar a parte da fita do cabelo, pegou a fita que havia levado e colocou no cabelo, e depois pegou uma caixinha que havia levado também e colocou uma moedinha dentro, e na parte da música que fala do dinheiro na caixinha, a contadora balançava a caixinha.

Crianças- Canta de novo tiaaa

Contadora- Vamos lá, todos juntos: Quem quer casar com a Dona Baratinha que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha?

Nesta hora as crianças todas cantaram a música da dona baratinha, tanto os meninos quanto as meninas.

Contadora- Vocês acreditam que quando comecei a cantar essa música na primeira vez, já apareceu um pretendente para mim?

Crianças- Quem tia? Já sei, era um gato. Era um macaco que queria casar com ela. Ah tia, eu já sei, era uma barata macho que queria casar com a senhora. Nesta hora, todos riram.

Contadora- estava lá eu cantando minha musiquinha: Quem quer casar com a dona baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha? (as crianças todas cantaram e com os olhos fixados na contadora pois ela colocaria a fita no cabelo)

Contadora- Depois que eu cantei a musiquinha, quem apareceu na minha janela?

Crianças- Um gato tia. Já sei, foi uma barata macho. (todos riram). Foi um macaco tia.

Contadora- Vou contar para vocês quem estava na minha janela, vocês nem imaginam..Era o senhor boi, muito bem vestido.

Crianças- um boi? Credo tia, mas um boi é muito grande pra senhora que é uma baratinha.  
Boi bem vestido?

Contadora- Mas eu tava desesperada né, aí estava topando tudo.

Contadora- Na hora em que eu vi o senhor boi e fui logo perguntando para ele: Boizinho que vai passando, quer comigo se casar? E o senhor boi falou: Claro que sim, tão linda assim.

Eu, muito esperta, perguntei ao senhor boi que barulho ele fazia: Senhor Boi, que barulho você faz? Sou muito sensível.

O senhor boi respondeu: Moooooooooooooooooooooooooooo

Nesta hora, a estagiária (Janila) passava mugindo igual a um boi. As crianças caíram na gargalhada.

Contadora- Aaaaaaaaai credo senhor boi, com esse barulho eu não quero não. Deus me livre (ênfase) de tal noivo, mugindo dessa maneira, terei sustos todo dia e medo a noite inteira.

As crianças ficaram imitando o mugido do senhor boi e rindo.

Contadora- No outro dia, logo que acordei fui para onde?

Crianças- Pra janela tia?

Contadora- isso mesmo. Eu não desisti, fui para a janela e comecei a cantar: Quem quer casar com a Dona Baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha? (Todos cantaram juntos novamente)

Contadora- Depois que eu cantei, quem aparece querendo casar comigo?

Crianças- um elefante? Ai credo, o elefante é muito grande pra baratinha, tem que ser uma formiga.

Contadora- Não, era o senhor cachorro.

Contadora: Já fui bem rápida e perguntei para ele: Cachorrinho que vai passando, quer comigo se casar? E o senhor cachorro com seu rabo balançando falou: Claro que sim, baratinha.

Aí eu tive que fazer aquela pergunta, qual é a pergunta?

Crianças: Se ele faz barulho, tiaaaaaaaaa

Contadora: Ah, é mesmo. Cheguei para o senhor cachorro e perguntei: Pois é senhor cachorro, eu sou pequenina e qualquer barulho me incomoda, gostaria de saber que barulho o senhor faz. Nesta hora o cachorro deu um latidão: Aaaaaaaaau Aaaaaaaaau.. Aaaaaaaaau Aaaaaaaaau..

A estagiária, Socorro passou latindo e nesta hora as crianças pularam em cima da contadora latindo junto e a contadora gritando: Aaaaaah..Aaaaaah.. Quando todos se sentaram novamente, a contadora falou: Deus me livre (ênfase) de tal noivo, latindo dessa maneira, terei sustos todos os dias e medo a noite inteira.

Contadora: Pois é gente, nada deu me casar até agora, mas eu não desisto, vou para a janela cantar novamente: Quem quer casar com a Dona Baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha? (Todos cantaram juntos). E quem me passa embaixo da minha janela?

Crianças- Já sei tia, foi uma abelhinha.. zuuuzuuu

Contadora- Abelha não.. foi o senhor Jumento

Crianças: Risos. Jumento tia? Creeedo, nunca vi um jumento com uma baratinha.

Contadora: Assim que vi ele passar perguntei para ele: Jumentinho que vai passando, quer comigo se casar? E o senhor jumento falou: Claro que sim, formosura. Como eu não suportaria barulho, fui logo perguntando para ele qual barulho ele fazia e ele respondeu: Innhooooooooooooo.. Inhohonhooooo

Nesta hora, a estagiária Socorro passou zurrando e as crianças rindo muito e a contadora gritando: “Creeeeeeeeedo desse jumento, com esse barulho eu não quero não. Deus me livre (ênfase) de tal noivo, zurrando dessa maneira, terei sustos todo dia e medo a noite inteira.

As crianças ficaram rindo e ficaram zurrando igual ao jumento. Contadora: Com isso, deixei escapar mais um pretendente, mas todos que passaram são muito barulhentos, não dava. Então fui para a janela novamente e cantei: Quem quer casar com a Dona Baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha? (Todos cantaram juntos e fazendo o gesto de colocar a fita no cabelo e de balançar o dinheiro na caixinha).

Foi só eu cantar que quem me aparece?

Crianças: Quem tia? Quem? Já sei, foi um macaco? Uma girafa? Ah não, uma girafa é muito grande pra dona baratinha, tem que ser outra barata – homem.

Contadora: Vocês nem imaginam, foi o senhor galo, jogando todo o seu charme. Quando o avistei, perguntei: Galo que vai passando, quer comigo se casar? O senhor galo empinou o pescoço e falou: Claro que quero me casar com você, belezura.

As crianças na hora que a contadora falou belezura, caíram na gargalhada e repetiram: belezura.



Crianças- Era um macaco, tiaaaa. Era uma zebra. Era um pássaro, tia. E assim, todos os animais que eles já haviam falado, foram expostos novamente.

Contadora- Vou contar quem estava lá. Era o senhor leão.

Crianças- um leão baratinha? Mas ele vai te comer. Ele é muito grande.

Contadora- Pois é, eu também achei ele grande e ao mesmo tempo simpático com aquela juba toda penteada e brilhosa (nesta hora as crianças riram e ficavam passando a mão no cabelo e mostrando as garras, imitando leão), mas resolvi dar uma chance e perguntei para ele: Leãozinho que vai passando, quer comigo se casar? O senhor leão balançou sua juba e respondeu que queria muito se casar comigo. Aí, resolvi perguntar que barulho ele fazia, se fosse silencioso eu casava com ele. Olhei bem para o senhor leão e perguntei: Senhor leão, que barulho o senhor faz?

Nesta hora, a estagiária Janila passou rugindo: Raaaaaaaaaaaaawuuuuu.. Raaaaaaaaaaaaawuuuuu.. e as crianças foram correndo para cima da contadora, gritando: Um leão, aaaaaaaaaah, aaaaaaaaaah, me defende baratinha, um leãooooooo.

Contadora- Deus me livre (ênfase) de tal noivo, rugindo desta maneira, terei susto todos os dias e medo a noite inteira. (as crianças repetiram esta frase junto com a contadora).

Contadora- No outro dia, eu levantei e fui direto para a janela cantar:

Crianças- Quem quer casar com a Dona Baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha?

Contadora- Isso mesmo, depois que eu terminei de cantar a música, quem apareceu? O senhor gato, todo pomposo.

Crianças- Pomposo tia? O que é isso?

Contadora- Pomposo é alguém cheio de charme, todo bonitão, arrumado.

Crianças- hummmm, o gato devia ser bem limpinho, né tia?

Contadora- Era sim, bem limpinho e cheirosinho.

Nesta hora, crianças falaram: miauuuuu e fazendo gestos com as mãos imitando um gato.

Contadora- Olhei bem para o senhor gato e perguntei: gatinho que vai passando, quer comigo se casar? E então o senhor gato falou: claro que quero baratinha, é tudo o que mais quero na vida. Então olhei para ele e perguntei: que barulho o senhor faz?

As crianças já estavam fazendo o barulho que o gato faz: miauuu miauuu

Nesta hora a estagiária Socorro passou miando: miaaaaaaaaauuuuuu.. miaaaaaaaaauuuuuuuu..

Contadora- Deus (ênfase) me livre de tal noivo, miando dessa maneira, terei susto todos os dias e medo a noite inteira.

E assim o senhor gato foi embora.

Crianças- gato miando a senhora não ia dormir né tia?

Contadora- Pois é, não daria. Mas aí, no outro dia, lá fui eu para a janela cantar: Quem quer casar com a Dona Baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha? (Todos cantaram junto com a contadora).

Contadora- De repente, quem surge embaixo da minha janela, todo arrumado, de terno, gravata, e com um buquê de flores?

Crianças- Nossa baratinha, que romântico.

Contadora- Eis que surge o João Ratão.

Crianças- Um rato? Creeeedo baratinha, a senhora é tão formosa e vai ficar com um rato? Ai que nojo. Nossa tia existe rato de terno? Nesta hora a contadora falou que ele era um rato muito arrumado e que ele estava de terno e bem cheiroso. As crianças riram.

Contadora: Olhei para o João ratão, ele olhou para mim (as crianças riram) e perguntei: Ratão que vai passando, comigo quer se casar? O senhor Ratão respondeu para mim: claaaaaaaaro que quero me casar com a senhora, tão graciosa assim. Aí perguntei para ele que barulho ele fazia e ele fez: shiihiiiiii.. shiiiiiiiiihiiii.. Nem acreditei quando eu ouvi, ele não fazia barulho algum, era com o ratão que eu iria me casar. No outro dia já acordei cedo para começar os preparativos para o meu casamento. Arrumei tudo, o meu vestido, os enfeites, a comida estava sendo preparada pelo mestre macaco e com ele estava o meu noivo, o João Ratão. Eu estava toda lindinha, de véu e grinalda, maquiada e claro, muito cheirosa. O casamento era na igreja, então fui de carro acompanhada de todos os animais, todos muito felizes.

Criança-: A senhora casou de véu baratinha? Risos.

Contadora- Claro que eu estava de véu, era um vestido de noiva. Mas quando eu cheguei na igreja uma surpresa..

Crianças- O que baratinha? O que?

Contadora- O João Ratão não estava lá.

Crianças- Não estava lá?? Mas aonde é que ele estava? Ele te abandonou baratinha?

Nesta hora, a contadora fez uma cara de triste e continuou a história.

Crianças- Que Ratão safado baratinha, eu vou pegar ele.

Contadora- Quando eu vi que ele não estava lá, eu mandei os urubus irem atrás dele que estava na casa do mestre macaco se arrumando, para verificar o que tinha acontecido. De repente os urubus voltaram e me contaram o que aconteceu com o João Ratão, vocês sabem o que aconteceu com ele?

Crianças- Ele fugiu com outra? Ele morreu? Ele dormiu?

Contadora- Nada disso. Sabem o que aconteceu? O mestre macaco estava preparando a comida do casamento, que era uma feijoada, quando viu o João Ratão chegando de mansinho na panela de feijão para pegar um pouco, quando..

Criança- ele comeu tudo? Ele caiu e morreu?

Contadora- Quando ele foi pegar um pouco do feijão para experimentar, ele se desequilibrou e caiu (ênfase).

Criança- Mas que rato burro tia. Tadinho dele baratinha, ele morreu.

Contadora- Não, o mestre macaco tirou ele com o garfo, ele não morreu. Mas perdeu um casamentão, que era comigo.

Criança- e aí baratinha?

Contadora- Fiquei arrasada, mas no dia seguinte estava lá eu na janela, cantando:

Crianças- Quem quer casar com a Dona Baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha?

Crianças- Tadinha de você baratinha, ficou sozinha. Ahm baratinha, continua cantando que vai aparecer um pra você.

### **Transcrição 3**

#### Transcrição- O Gato de Botas

A contadora deste dia de contação foi a estagiária Mariana.

Contadora- Bom dia crianças!!!! Quem quer ouvir história hoje?

Crianças- Tia baratinhaaaaaaaaaa (ênfase); Oie baratinha; baratinha que história vai contar hoje?

Uma criança chegou para a contadora e perguntou se podia brincar no parquinho ao invés de ficar ouvindo história e a contadora falou que ele podia sim e que não teria problema algum.

Criança- Tia, não quero ficar aqui não, pode ir pro parquinho?

Contadora- Claro que pode ir brincar no parquinho, não tem problema.

Contadora- Na história tem um gato, que, aliás, é muito esperto.

Crianças- Tia, eu tenho um gato; eu não gosto de gato não, acho chato; mas tia começa a história.

Contadora- Era uma vez um senhor que estava quase morrendo quando chamou os seus três filhos para conversar. Ele era um moleiro. Ele começou a distribuir seus bens, dando ao seu

primeiro filho um moinho, para o segundo ele deu um burro e para o terceiro filho, o mais novo, deu um gato.

Uma criança falou que preferia gato a burro.

Contadora- O filho caçula que ganhou o gato ficou bem decepcionado com seu presente até o gato começar a falar com ele.

Nesta hora uma criança falou que lembrada da história mas não do nome, enquanto outras crianças falavam que já sabia.

Crianças- Já sei tiaaaaaa, é aquele gato que usa chapéu, espada e botas mas eu esqueci o nome dele.

Contadora- Tenho certeza que você lembra... acabou de falar o que o gato usa, o nome dele tem algum nome que você falou agorinha.

Criança- Ai tia, não sei.. fala aí

Contadora- Qual é o nome daquilo que coloca no pé?

Criança- Sapato tia?

Contadora- Você acabou de falar que o gato usa, pensa direitinho

A criança nesta hora deu um grito e falou:

Criança- Baratinha, lembrei.. O Gato de Botas, não é?

Contadora- Isso mesmo viu como você lembrou?

A criança deu um sorriso para a contadora.

Contadora- Pensem no susto que o menino levou quando viu o gato falando com ele.

Crianças- gato fala mesmo? Gato não fala né tia?;

Contadora- Esse gato falava e até demais viu; ele perguntou para o senhor dele, que no caso seria o menino, se ele gostaria de ficar rico e o menino respondeu que sim, então o gato pediu que o senhor dele lhe comprasse um par de botas e um saco.

Crianças- Saco tia baratinha?

Contadora- Sabe o que ele fez?

Crianças- Foi caçar?; saiu correndo e sumiu?;

Contadora- o gato calçou o par de botas, colocou o saco nas costas e foi parar num coelhoiro.

Crianças- Que isso tia?

Contadora- Coelhoira é onde ficam os coelhos

Crianças- O gato foi atrás de coelhos?

Contadora- Isso mesmo, ele fez uma armadilha jogando farelos para chamar a atenção do coelho e com isso ele conseguiu colocar o coelho dentro do saco.

Crianças- E aí, tia?

Contadora- Aí ele foi logo oferecer o coelho para o rei, falando que o coelho era um presente do Senhor Carabás para ele. O rei ficou muito feliz. Ah, esse Senhor de Carabás é o dono do gato de botas. O gato deu esse nome para enganar o rei.

Contadora- Sabe o que aconteceu no dia seguinte?

Crianças- O que?

Contadora- No dia seguinte, o gato foi a caça de dois pássaros e conseguiu capturar e aonde ele foi?

Crianças- Pra floresta?; foi mostrar pro rei tia;

Contadora- Foi levar para o rei falando que era do Senhor..qual era o nome dele mesmo?

Crianças- Cabarás tia? Caba. Alguma coisa, não lembro tia;

Contadora- ele falou que era um presente do Senhor Carabás e o rei achou o máximo e falou que iria ao encontro do Senhor Carabás na casa dele. Nesta hora, o gato de botas saiu correndo para dar continuidade ao seu plano de tornar seu senhor num homem rico.

Nesta hora, uma criança levou um livro para a contadora ver, e era o livro do Gato de Botas.

Criança- Tia, olha o que eu achei aqui.

Contadora- O que? Uau, acho que eu conheço essa história...

A criança ficou toda feliz por ter achado na biblioteca o livro da história contada e durante a história a criança ia mostrando as figuras para todos.

Contadora- Mas aí crianças, sabe o que o gato fez o senhor dele fazer?

Crianças- O que tia?; qual foi o próximo plano dele?

Contadora- Esse gato de botas era realmente cheio de planos, ele falou para o seu senhor que havia um rio perto onde ele poderia tomar banho. Mas aí, o gato pediu para que ele tirasse a

roupa, colocasse a roupa debaixo da pedra e se jogasse na água, porque o rei estava a passando por ali.

Crianças- Ele ficou pelado tia?; ele ficou peladão tia? Coitado...

Contadora- Ficou peladinho mas aí o gato muito espertinho parou a carruagem e falou para o rei e a princesa que o senhor Carabás havia sido assaltado e jogado no rio.

Criança- Ele saiu da água pelado tia (risos); que engraçado (risos);

Contadora- Ele foi socorrido pela carruagem do rei e com isso o rei gostou do rapaz e apresentou a ele sua filha.

Nesta hora uma criança gritou:

Criança- a princesaaaaa (ênfase)

Contadora- isso mesmo, a princesa. Ele ficou encantado com ela e ela com ele.

Crianças- Que lindo tia; eu sou a princesa; eu que sou; eu sou o príncipe; a tia é minha princesa;

Contadora- Enquanto isso o gato andou na frente da carruagem e encontrou uns lavradores que trabalhavam no campo onde a carruagem estava passando, e ordenou a eles que dissessem ao rei que o senhor de Carabás era dono daquilo tudo e se eles não dissessem isso, ele iria fazer picadinho deles. Então, quando o rei perguntou de quem era aquelas terras, os lavradores gritaram: *É do Senhor Carabás.*

Uma criança falou que o gato de botas não tinha medo de nada e nem de ninguém.

Contadora- Com isso, o rei ficou mais encantado pelo o “Senhor de Carabás”. Enquanto o rapaz recebia elogios do rei e de sua filha, o gato andava na frente da carruagem quando se deparou com um palácio.

Crianças- já sei, a rainha morava lá; o lobo mau tia;

Contadora- Não, não, era a bruxaaaa.

Crianças- a bruxa?

Contadora- o gato quando viu o palácio saiu correndo e bateu na porta da bruxa. O gato perguntou a bruxa se ela realmente podia se transformar naquilo que quiseres. A bruxa disse que sim e falou que transformaria num leão, aí o gato falou que leão era muito sem graça que queria que ela se transformasse num ratinho.

Crianças- Eca que nojo.

Contadora- Enquanto a bruxa se transformava num rato, o gato avançou nele com suas garras e fez picadinho de rato.

Crianças- Mas que bruxa burra hein tia; gato e rato não dá certo;

Contadora- depois que ele devorou a bruxa “rato”, o gato abriu a porta do palácio e falou ao rei que aquele era o palácio do Senhor de Carabás. O rapaz ficou atônito, mas não falou nada.

Criança- Ficou o que tia?

Contadora- Atônito, quer dizer que a pessoa ficou sem reação.

Crianças- Aí o dono do gato casou a princesa e eles foram felizes para sempre né tia

Contadora- O rei ficou encantado com o senhor de Carabás e permitiu que a princesa se casasse com ele.

Crianças- e o gato tia?

Contadora- No dia do casamento, o gato foi padrinho e sabe quem foi madrinha da noiva?  
Uma gatinha.

Crianças- O gato ficou com a gatinha também?

Contadora- O que vocês acham?

Crianças- Simmmm (ênfase) eeeeeeeeeeh... (Nesta hora as crianças começaram a bater palmas e gritar: ehheehhhh).

#### **Transcrição 4**

##### Transcrição – Peter Pan

Contadora- Janila

Estagiárias auxiliares- Mariana e Socorro

Estagiárias- Bom dia crianças. Vocês querem ouvir história hoje?

Crianças- Oii tias; oi ti, que história vai ter hoje; oii tia baratinha; baratinhaaaaa;

Mariana- Oii crianças, como vocês estão?? Prontinhos para ouvir história? Quem vai querer participar?

Crianças- Euuu ; Qual vai ser a história de hoje tia?

Contadora- Eu tenho um amigo..

Nesta hora as crianças começaram a falar:

Crianças- Eu também tenho tia; eu também..;

Contadora- Então, e esse amigo que eu tenho tem a mesma idade que vocês

Crianças- Eu tenho seis tia, eu tenho cinco, eu também tenho cinco;

Contadora- isso mesmo! Eu tinha a idade de vocês quando eu conheci um amigo muito especial

Crianças- Sou eu né tia; eu também; eu tenho um amigo especial tia, ele é muito legal;

Nesta hora, uma criança se levantou e se colocou ao lado da contadora falando que era sua amiga e que iria ficar do lado dela, e com isso outra criança fez a mesma coisa. As outras continuaram sentadas junto a estagiárias.

Contadora- Esse meu amigo me levou para conhecer a sua casa, a Terra do Nunca.

Uma criança falou:

Criança- Ah tia, eu já sei quem é seu amigo, é aquele que se veste de verde..hannn, o robbin hood.

Contadora- Robin Hood? Não, esse meu amigo se veste de verde também mas não é o Robin Hood...

Crianças- Quem é então tia??

Contadora- Vou falar um pouco de como ele era para ver se conseguem adivinhar, tá? Ele tinha uns 6 anos de idade, era um menino muito esperto e tinha um detalhe.. ele não crescia nunca.

Crianças- Tiaaaaaaa, é o Peter Pan.

Contadora- Isso mesmo, o Peter Pan.

Crianças- Que legal, eu também queria continuar crianças; quero brincar pra sempre tia; eu também...;

Contadora- Será que não crescer é bom?

Crianças- deve ser tia; não sei, pergunta pra Peter Pan tia; eu quero crescer...;

Contadora- Pois é, o Peter Pan me contou como é a terra do nunca

Crianças- Você conhece ele tia??; ah tia, ele não existe; ah, também quero conhecer ele;

Contadora- Ele que me contou, como ele mora na terra do nunca ele me visita pouco

Nesta hora, as crianças riram

Contadora- Como será que deve ser a terra do nunca?

Criança- deve ter árvore tia; lobo; animais; bruxa; fadas;

Contadora- Tem fadas, árvores, não sei se tem bruxa mas tem um que é mal..

Crianças- Quem tia?

Contadora- É um cara que tem mãos de gancho

Uma criança falou que ele era um pirata mas não lembrava o nome dele

Contadora- O que a mão dele era mesmo?

Crianças- Um gancho tiaaa

Contadora- Então qual seria o nome dele? Tem haver com a mão dele

Nesta hora algumas crianças falaram homem gancho, outras pirata gancho e a maioria falou capitão gancho.

Contadora- Era o Capitão Gancho, e ele vivia atacando o Peter Pan.

Crianças- ele era uma bruxa tia;

Uma criança perguntou a contadora por que o capitão gancho tinha um gancho na mão. A contadora respondeu que o capitão gancho uma vez lutou com um crocodilo e esse crocodilo comeu a mão dele, e esse crocodilo achou a mão dele tão gostosa que vive correndo atrás do capitão gancho para comer o resto.

Uma criança perguntou : tiaaaa, é esse crocodilo que faz tique-tac?

Contadora: isso mesmo, ele faz tique-tac sabe porque?

Crianças- Porque ele comeu um relógio.

Contadora- Pois é, comeu um relógio e ficou assim...

Contadora- Mas quando o Peter Pan veio me visitar, ele aproveitou e foi a casa do seus amigos, Wendy, João e Miguel. Mas ele estava com alguém muito especial... uma amiga de todas as horas.. uma fada...

Crianças- A fada sininho tiaaaaa

Contadora- Isso mesmo. E ela brilha como o sol..

Nesta hora, a estagiária Mariana apontou o dedo para uns feixes de luz que estava dando entre a árvore e falou que a fada sininho brilhava daquele jeito.

Crianças- Baratinha, que lindo que a fada sininho é; que lindo tia;

As crianças ficaram olhando para cima admirando os feixes de luz, que representa a fada sininho.

Contadora- Peter Pan levou seus amiguinhos para visitar a terra do nunca junto com a fada sininho.

Uma criança falou que a fada sininho era poderosa e que fazia todo mundo voar.

Contadora- Isso mesmo, a fada sininho tem poderes, ela é uma fada, então ela jogou um pozinho mágico na Wendy, no João e no Miguel para eles poderem voar como ela e o Peter Pan.

Crianças- Você voou tia?? Isso é verdade?

Contadora- A fada sininho me fez voar...

Crianças- você voou mesmo?? Que legal tia..

Crianças- A fada também jogou pozinho em mim..vou voar..; também quero uma amiga mágica tia;

Contadora- Eles voaram até a terra do nunca e chegando lá, as 3 crianças viram avistaram o barco pirata, a aldeia dos índios e a morada dos meninos perdidos. Só que o capitão Gancho viu eles voando e resolveu atacar eles.

Crianças E aí?

Contadora- Aí que a Wendy quase caiu mas o Peter Pan conseguiu pegá-la. Depois do susto, eles foram para a casa dos meninos perdidos, que ficava sabe onde?

Crianças- na terra do nunca né tia;

Contadora- Dentro de uma árvore.

Crianças- Dentro de uma árvore? Como tia??

Nesta hora, a contadora foi se aproximando de uma árvore e com ela todas as crianças foram junto observar a árvore onde moravam os meninos perdidos e o Peter Pan.

Crianças- Cadê o Peter Pan tia?

Uma criança chegou até a estagiária Mariana e perguntou por que o Peter Pan morava numca árvore se quem mora numa árvore é o Pica-Pau. Mariana respondeu que o Pica-Pau também morava numa árvore, mas não a mesma. A criança nesta hora respondeu:

Criança- Eita tia baratinha, é verdade né, o Peter Pan mora na Terra do Nunca e o Pica-Pau não..

Contora- Chegando na árvore, que era uma casa, Wendy começou a fazer uma coisa que as tias fazem aqui com vocês.

Crianças- brincaaaaaar tia..; divertir; conversar; contar historinhas; pular;

Contadora- Isso mesmo, a Wendy contava historinhas para os meninos perdidos. Ela era uma contadora de história.

Uma criança falou que nós estagiárias podíamos contar histórias para os meninos perdidos também que ela deixava.

Contadora- Enquanto todos estavam ouvindo histórias, o Capitão Gancho resolveu atacar de novo e raptou a princesa dos índios.

Uma criança perguntou o que era raptar? A contadora explicou que raptar é pegar alguém sem que ela queira. A criança falou que já a mãe dela faz isso com ela quando é pra tomar banho. A contadora conteu o riso.

Crianças- Mas quem salvou a princesa tia??; foi o Peter Pan né;

Contadora- Peter Pan se escondeu atrás de uma árvore e imitou o barulho do tique-tac e quando o capitão olhou para o outro lado assustado, Peter Pan salvou a princesa.

Nesta hora as crianças gritaram: eeeeeeeeeeh.. e bateram palmas.

Contadora- Mas acreditam que o capitão gancho não desistia..

Crianças- o que ele fez??

Contadora- Ele agora foi atrás dos meninos perdidos.

Crianças- E aí tia? Tadinhos...;

Contadora- Ele aproveitou que o Peter Pan havia dado uma saída e raptou os meninos perdidos e amarrou eles num barco para depois jogá-los no mar.

A criança que havia perguntado sobre a palavra raptar, falou: eu sei o que é raptar!!

As estagiárias perguntaram a ela então o que seria raptar e ela falou que era quando alguém te pegava a força. As estagiárias elogiaram e falaram que era isso mesmo. A criança sorriu.

Crianças- Cadê o Peter Pan???.; vou dar uma surra no capitão gancho;

Contadora- O Peter Pan quando viu que o capitão gancho havia feito, foi atrás dele e começou a lutar utilizando uma espada.

Crianças- Quem ganhou tia?; é claro que foi o Peter Pan;

Contadora- Foi o Peter Pan, o capitão gancho não deu conta e caiu no mar.

Crianças- Eita tia, será que o tique-tac pegou ele??

Contadora- Advinhem?

Crianças- simmmmmm; ele comeu a outra mão né tia;

Contadora- Dizem por aí que o capitão gancho ainda está vivo, mas ninguém nunca mais o viu.

Crianças- Mas tia, os irmãos voltaram pra casa?

Contadora- Ah sim, Peter Pan foi levá-los para casa deles. Mas sempre que é possível, Peter vai até lá e busca eles para a Wendy contar histórias para os meninos perdidos.

Várias crianças nesta hora falaram: Que legal tia, igual vocês fazem pra gente, né?

Contadora- Isso mesmo, igual fazemos com vocês. Os meninos perdidos adoravam, e vocês, gostam de ouvir histórias?

Crianças- eu adoro tia; é muito legal, nunca tinha ouvido história assim; eu também gosto tia; eu adoro vocês;

As estagiárias neste momento agradeceram enquanto as crianças levantaram para abraçá-las.

## **Transcrição 5**

### Transcrição da história – Branca de Neve e os 7 anões

Contadora- Janila

Estagiárias auxiliares- Mariana e Socorro

Contadora- Bom dia crianças!

Cri- Bom dia tia. Oiee tia. Tia,vai ter historinha hoje?

Cont- Sim, vai ter sim e quero ver se vocês advinham.

Cri- Hã..de bruxa? História de terror? Aventura? De príncipe? Da baratinha?

Cont- Não. Vocês conhecem a história da branca de neve e os 7 anões?

Cri- sim (ênfase).

Cont- E quem são os personagens da história?

Cri- A branca de neve, a bruxa, ah tia tem aqueles baixinhos lá né, tem um que é furioso né tia, tem um que só dorme, tem o príncipe tia, ah, tem o espelho mágico também

Cont- isso mesmo. E hoje vocês serão estes personagens. Um vai ser o espelho mágico, a bruxa, os anões e assim vai. Quem quer participar?

Cri- eu tia, eu , eu , eu.. (e assim todos se manifestaram)

Cont- então vamos fazer o seguinte, vamos formar uma fila na frente da tia e cada um vai tirar um papel. Neste papel estará escrito o personagem. Quem for tirando vai encostando na parede até que todos estejam com os seus personagens.

A contadora apresentou uns crachás virados de cabeça para baixo e pediu para que a primeira criança da fila escolhesse um. A primeira criança a pegar o papel, era o personagem da bruxa.

Cri- Ai tia, eu não quero ser a bruxa não.

E com isso, ela foi para o final da fila. A contadora avisou que se as crianças não gostassem do seu personagem que elas poderiam trocar, mas só se fosse com outra criança que também quisesse trocar.

Cont- Crianças, quando vocês não quiserem o personagem que está no papel, vocês podem trocar, mas só se for com outra criança que também quiser trocar, entenderam?

Cont- vamos continuar.

A criança que estava na frente da fila falou: Anda tia, quem que eu vou ser?

A contadora sorteou.

Cont- Você vai ser a madrasta. (ênfase)

As crianças nesta hora riram e falaram: você vai ser a madrasta, madrasta, madrasta.

Cri- tia, a madrasta é muito ruim?

Cont- Na história ela é ruinzinha sim.

A contadora perguntou se a criança havia gostado e ela afirmou que sim.

Cont- Agora que você já está com o seu personagem, fique encostado na parede para a gente poder terminar dos seus coleguinhas.

Cont- Vamos ver que personagem você fará? (suspense)

A criança fez uma cara de ansiosa.

Cont- Você vai ser o Anão Dunga. (ênfase)

Cri- Tia, esse Anão é que tem orelhas grandes?

Nesta hora, algumas crianças ficaram gritando: você vai ser o técnico da seleção (risos), um anão (risos)

Cont- Este anão é muito um pouco atrapalhado, e ele é diferente dos outros anões, tendo olhos azuis e não tendo barba e com orelhas grandes.

Cri- Eba vou ser diferente.

A contadora perguntou se ele gostou de ser o Anão Dunga e ele respondeu que sim. A criança então foi ao encontro de seu coleguinha, e ficaram encostados na parede terminando o sorteio.

Cont- vamos ver agora quem será você.

Cont- hum, você será a branca de neve.

A criança nesta hora abriu um sorriso e ficou toda feliz.

Cri- Branca de neve tia. Ebaaa

Cont- isso mesmo, ela é uma menina muito doce e generosa.

A criança pegou o seu crachá com o nome e foi para o encontro com seus colegas que já haviam sido sorteados.

Cont- Quem será o próximo?

Cont- você vai a bruxa. (ênfase)

Cri- Bruxa?

As crianças nesta hora gritaram: Bruxa, bruxa, bruxa. A criança perguntou a contadora se a bruxa era muito má.

Cri- Tia, a bruxa muito ruim?

Cont- Na história ela é ruim sim, a bruxa na verdade vai ser a madrasta vestida de velhinha, aí você entra como sendo ela.

Cri- Tá tia, eu quero.

A criança pegou se crachá e foi para a parede esperar o final do sorteio.

Cont- E você hein, quem vai ser?

Cont- Uau, você vai ser o espelho mágico. (ênfase)

A criança nesta hora riu e falou: espelho mágico tia, o que ele faz?

Cont- ele é o espelho da madrasta. Como o nome mesmo diz, ele é mágico.

Cri- Se ele é mágico eu quero tia.

A contadora entregou a criança o crachá e continuou o sorteio.

Cont- Agora vai sair o príncipe. (ênfase)

A criança que tirou o príncipe ficou todo feliz. As crianças gritavam: Vai casar com a branca de neve, lá lá lá, vai chegar com seu cavalo..

Cont- Humm, você vai ser o príncipe. (ênfase). Vai querer trocar com alguém?

Cri- Não tia, eu vou ser o príncipe.

Cont- Mais um, vamos lá. Tirei o pai da branca de neve.

Cri- Pai da branca de neve tia?

Cont- É. através do pai da branca de neve que a madrasta irá aparecer.

Nisso, a criança que tirou a madrasta gritou: Vem pra cá logo, pai da branca de neve. A criança então, se juntou aos demais colegas.

Cont- Vamos ver agora quem será você.. (than than than). Você será o Anão dengoso.

A criança começou a rir e falou: justo o dengoso tia?

Cont- O anão dengoso é um anão tímido, envergonhado mas era um anão muito esperto.

A criança saiu gritando: Sou um anão esperto (ênfase)

Cont- Quem será o próximo? Quem? Quem? Uau, você vai ser o pássaro encantado.

Cri- O que ele faz tia?

Cont- O pássaro encantado tem poderes e com isso ele poderá ajudar a branca de neve.

Cri- Eba. Eu tenho poderes. (a criança falou gritando)

A cada personagem desvendado as crianças gritavam e mexiam com os colegas, por exemplo: ii, dengoso; voa voa pássaro encantado; eu sou o pai da branca de nevr, não mexam comigo (ênfase); O (x) vai ser o príncipe no cavalo branco.. (etc)

Cont- vamos continuar aqui para podermos começar a história. Agora vamos ter o Anão Atchim.

Nesta hora, as crianças começaram a espirrar imitando o barulho do “atchim”.

Cri- Anão atchim tia? Que legal, eu vou ficar só espirrando. (risos)

Cont- o anão atchim espirra muito mesmo, ainda mais se ficar nervoso.

A criança começou a fingir o espirro e falou: já estou treinando tia.

Cont- Mais um agora. Vamos lá.. Anão mestre (ênfase) Eeeeh

Cri- Vou ser um anão tia?

Cont- este anão é um anão muito sábio e inteligente.

Cri- é o mais inteligente de todos né?

Depois desta fala, a criança saiu pulando e gritando ao rumo dos coleguinhas que estavam todos encostados na parede esperando para o início da contação.

Cont- Mais um., Vamos ver quem será o próximo personagem: O Caçador. (ênfase)

Cri- eba, vou caçar todo mundo.

Cont- agora vamos ter o cavalo do príncipe.

A criança que recebeu este personagem falou o seguinte para a contadora:

Criança- Tia, meu pai também tem um cavalo.

Contadora- É mesmo, e como é o cavalo?

Criança- Ele é grandão, todo preto.

Contadora- Que cavalo bonito hein.

Criança- Eu vou ser igual ele tia.

Contadora- igual como?

Criança- Valente e bonito.

Contadora- Então tá ótimo.

Neste hora, uma das crianças falou: Eu falei que o príncipe ia ter o cavalo dele.

A criança que recebeu o personagem do cavalo do príncipe saiu pulando e relinchando igual um cavalo.

Cont- Falta pouco. Vamos ter agora o anão soneca. (ênfase)

Cri- ele é preguiçoso mesmo né tia?

Com esta fala, uma das crianças gritou lá da parede: Ele é preguiço igual a você.

Cont- na história ele é bem preguiçoso mesmo.

A criança saiu abrindo a boca e espreguiçando.

Cont- você vai ser agora o anão feliz (ênfase)

Cri- lá lá lá, eu sou o anão feliz.

Cont- falta mais dois, vamos ver quem eles vão ser? O primeiro que vou tirar vai ser a árvore falante.

A criança ficou olhando para a contadora e perguntou: árvore falante? Existe isso?

Cont- Na história temos a árvore falante que vai dar uma ajuda boa para os 7 anões

Cri- que legal tia, vou ser uma árvore que fala.

Nesta hora a criança saiu em direção aos coleguinhas falando: sou uma árvore mas uma árvore que fala.

Cont- Pronto, chegamos no último personagem que é o anão zangado.

A criança nesta hora fez uma cara de brava e rosou como se estivesse zangado mesmo.

A contadora seria a narradora da história e os personagens deveriam aparecer, no momento que fossem mencionados na contação.

Cont- Vamos começar então a história?

A criança que estava fazendo o papel da branca de neve falou: eu vou entrar primeiro não é tia?

Cont- Vou começar hein. Era uma vez o pai da Branca de Neve e ele morava em um reino muito bonito e alegre.

A contadora seria a narradora da história, e os personagens deveriam aparecer, no momento em que fossem mencionados na contação. Com o auxílio das estagiárias, entrou em cena o personagem do pai, sorrindo e indo direto ao centro da biblioteca, onde estava a contadora – as crianças riram quando ele entrou e ficaram atentas a ele.

Cont- Era uma vez, o pai da Branca de Neve (entrou em cena o personagem do pai, sorrindo e indo direto ao centro da biblioteca, onde estava a contadora – as crianças riram quando ele entrou e ficaram atentas a ele) e ele morava em um reino muito bonito e alegre. Sua filha, Branca de Neve (entra a personagem, que fica ao lado do “pai”) era tão branca como a neve (as crianças riram novamente).

Cont- Eles eram uma família bem feliz e gostavam de passear no bosque (as crianças de mãos dadas deram a volta pela biblioteca e as outras que assistiam e aguardavam sua vez riram).

Cri- Olha a cara dela tia; eles estão até cantando (as crianças que estavam aguardando sua vez de entrar que falaram isso quando os personagens da Branca de Neve e do seu pai estavam passeando)

Cont- Mas um dia o pai da Branca de Neve resolveu se casar com uma mulher muito bonita (a personagem da madrasta entrou em cena antes mesmo de ouvir o nome “madrasta”).

Nesta hora, a personagem da madrasta entrou em cena antes mesmo de ouvir o nome “madrasta” e logo se colocou perto da contadora falando:

Cri- É minha parte tia, sou eu.

Cont- Ela então se tornou..

Cri- a madrasta tia

Cont- isso mesmo, se tornou a madrasta da Branca de Neve e o pai da Branca de Neve e o a madrasta eram muito apaixonados.

Nesta hora, as crianças que estavam de fora da interpretação, no momento, ficaram falando:

Cri- Oh pai da Branca de Neve, vai ter que dar um beijinho na madrasta. E começavam a rir.

Na hora que as crianças começaram a mexer com o personagem do pai, a criança que estava interpretando este papel ficou envergonhado, colocando a mão no rosto e rindo.

Cont- O pai era tão apaixonado pela beleza da madrasta (a madrasta mexia nos cabelos para mostrar sua beleza) que deu à ela um espelho mágico.

Quando foi chamado o espelho mágico, o personagem que fazia tal papel não apareceu, então as crianças começaram a gritar:

Cri- Espelho mágicoooooo; cadê você espelho mágico;

Nisso, as estagiárias começaram a procurar e acharam o espelho mágico tentando colocar o crachá de volta para poder entrar em cena.

Cont- Pronto, aqui está o espelho mágico e a madrasta resolveu colocá-lo no lugar mais bonito de todo o castelo.

A criança que era o personagem do espelho mágico falou:

Cri- Eu sou o espelho mágico, lálálá;

Nisso, a criança sentou sobre uma mesinha da biblioteca.

Cont- Todos os dias a madrasta visitava seu espelho e perguntava a ele:

Nesta hora, uma criança falou que sabia o que o espelho falava pra a madrasta, então, a contadora pediu para que eles falassem o que o espelho falava.

Cont- O que a madrasta perguntava para seu espelho?

Cri- Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?

Várias crianças, as que estavam participando já da contação como as que estavam esperando sua vez de entrar, falaram a frase. Mas a criança que estava fazendo a personagem da madrasta, não conseguia falar a frase corretamente, sendo preciso repetir a frase 3 vezes. A criança que faria o papel da bruxa na história, ficou ao lado da personagem da Madrasta para ajudá-la.

Cont- Isso madrasta, você consegue, vamos lá: Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?

E com a repetição da frase, a criança conseguiu falá-la corretamente.

Cri- Eeeh, isso aí madrasta; até que enfim madrasta;

Cont- Isso, agora o que o espelho vai responder para a madrasta?

A criança que estava interpretando o espelho falou:

Cri- Existe, porque você é a mais feia (rindo)

A contadora explicou ao espelho que ele deveria dizer que ela era a mais bela de todo o reino.

A criança falou em seguida:

Cri- Mas tia, ela é feiosa.

A contadora e as estagiárias tiveram que conter o riso para continuar a história.

Cont- Olha, vamos fazer novamente e quando a madrasta fizer aquela frase (nesta hora a criança falou que já sabia a frase), aí você fala que não existe ninguém mais bela que ela, pode ser?

Cri- A personagem da madrasta então repetiu a frase: “Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?”

O personagem do espelho falou:

Cri- Não senhora, você é a mais bela, mas eu acho feia. (falando isso para a madrasta)

Nesta hora, as crianças começaram a rir mas a madrasta nem se abalou continuando assim a balançar seus cabelos.

Cont- Quando a Branca de Neve completou 15 anos, a madrasta voltou a perguntar novamente para o espelho mágico. Que frase ela perguntava mesmo?

Cri- Espelho, espelho meu, existe alguém mais bonita do que eu?

A madrasta repetiu a frase junto com os colegas, não necessitando assim de ajuda. E o espelho então respondeu com a orientação das estagiárias, falando a frase ao pé do ouvido dele.

Cri- existe sim, minha senhora, ela é a Branca de Neve.

Cont- Ao ouvir isso a madrasta ficou furiosa, rodava de um lado para o outro sem saber o que fazer.

Na hora que a contadora falou que a madrasta ficou furiosa, a criança que estava interpretando a mesma, fechou a cara e as mãos, e ela começava a interpretar tudo o que a contadora falava.

Cont- Foi aí que a Madrasta teve a idéia de chamar o caçador.

Cri- caçador, tia?; Por que?; Ele vai matar a Branca de neve, não é tia?

Cont- Vamos aguardar para ver o que vai acontecer na história

Na hora que foi chamado o nome do caçador, a criança apareceu toda risonha e falando:

Cri- Tomem cuidado comigo, eu sou caçador.

Cont- E a madrasta, contou um segredo para ele, que segredo seria esse?

Cri- Eu sei tia, ela ia mandar ele matar a branca de neve; ela ia contar pro caçador que amava ele (e começou a rir)

Cont- Então, ele falou para o caçador o seguinte: “mate a Branca de Neve e eu te darei muito dinheiro e você ficará rico e eu serei a mulher mais bonita desse reino”.

A criança que estava fazendo o papel do caçador nets hora arregalou os olhos e disse:

Cri- Tia, eu vou ter que matar a Branca de Neve?

As estagiárias auxiliares falaram para ele ter calma, pois ele ia se surpreender com a história dele e com isso ele sorriu.

Cont- Assim o caçador levou Branca de Neve para floresta, mas ficou com pena de matar uma jovem tão bela e tão branca como a neve e pediu para que ela fugisse e se salve.

A criança que estava interpretando o caçador olhou para as estagiárias para saber o que ele iria falar, então elas falaram que ele iria falar para a Branca de Neve fugir e ficar longe da madrasta.

Cri- Fuja branca de neve! Fuja para bem longe da madrasta.

Nesta hora, a criança que estava fazendo o papel da Branca de Neve se escondeu atrás de uma mesinha.

Cont- O caçador voltou até a madrasta e disse que tinha matado a jovem e queria sua recompensa.

Nesta hora, a criança perguntou novamente as estagiárias o que ele iria falar. As estagiárias explicaram para ele.

Cri- Eu matei ela, cadê o meu dinheiro?

Cont- A madrasta estendeu a mão fechada e fingiu entregar um dinheiro para ele.

Nisso, a criança que estava fazendo a madrasta fingiu estar dando um dinheiro para o caçador.

Cont- Enquanto isso Branca de Neve corria na floresta até encontrar uma casinha bem pequenininha no meio da floresta.

Algumas crianças falaram: “é a casa dos duendes!”.

Cont- Como Branca de Neve estava muito cansada resolveu entrar na casinha para descansar um pouco.

Nesta hora, a criança que estava interpretando a Branca de Neve, junto com a contadora a criança encenou entrar em uma casinha pequena se agachando para entrar pela porta.

Cont- Lá Branca de Neve encontrou sete caminhas e resolveu juntá-las para poder dormir.

As estagiárias auxiliares perguntaram as crianças se elas sabiam de quem eram aquela casa. E As crianças responderam:

Cri- Tia Baratinha, eu sei, era daqueles anõezinhos lá; Era dos 7 anões tia; Tinha o que só dormia tia, o bravo lá; etc.

E com isso a contadora falou:

Cont- Muito bem crianças, era a casa dos 7 anões.

As estagiárias auxiliares começaram a chamar pelos 7 anões. Aos poucos foram se juntando os anões e um deles disse que não queria ser o anão, que queria ser o príncipe, mas o príncipe não queria trocar com ele, então a criança perguntou:

Cri- Eu vou poder beijar a Branca de Neve?

As estagiárias responderam: Você será um grande amigo da Branca de Neve.

Cont- Vamos formar uma fila com os 7 anões aqui, todos atrás da anã Mestre. Continuando a história, os anões saíram do trabalho e voltavam para a casa cantando: “Eu vou, eu vou para casa agora eu vou, parará tim bum parará tim bum e eu vou, eu vou...”

As crianças começaram a cantar junto com a contadora e a andar pela sala em fila.

Cont- Quando os anões chegaram à casa deles, eles olharam uma mulher gigante deitada na cama deles.

Cri- Eita tia, ela era uma gigante?

Cont- Gigante para os anões porque eles eram muito pequenininhos. Quando eles viram aquela jovem deitada na cama deles, o não Mestre falou:

Nesta hora, as estagiárias falaram ao pé do ouvido da criança que estava interpretando o anão Mestre, o que ele iria falar.

Cri- Aguarde, eu vou olhar o que é.

Nisso, a criança que iria fazer o papel do príncipe na história perguntou as estagiárias o porque dele demorar tanto para entrar na história e as estagiárias explicaram que ele entraria daqui a pouco para fechar a história.

Cont- o anão Zangado ficou furiosa ao ver a jovem na sua cama.

Depois de a criança ter dito isso, a criança que estava fazendo o Zangado começou a gritar, sem a ajuda das estagiárias: “Quem essa gigante pensa que é, pode sair da minha cama”.

Cont- O anão Dengoso gente, ele queria ficar deitado junto daquela jovem, de tão dengoso que ele era.

Nisso, a criança que estava interpretando o anão Dengoso, se deitou ao lado da jovem deitada e falou que iria dormir ao lado dela.

Cont- O anão Feliz ficou muito feliz e saltitante com a presença da jovem e começou a cantar de alegria.

Cri- Tumtum tá.. tátátí..tumtum.. (ia cantando e pulando)

Cont- O anão Soneca disse:

Nesta hora, as estagiárias falaram ao pé do ouvido da criança o que ela falaria.

Cri- Espero que ela acorde logo, porque estou louco para dormir um pouquinho.

Cont- Quando o anão Dunga chegou perto da jovem, ele ficou admirando-a mas como ele era.. o que mesmo que ele era?

Cri- Bonito tia?; legal?; Não tia, ele era desastrado;

Cont- Isso mesmo, ele era todo atrapalhado. Então, quando ele foi chegando perto da Branca de Neve, ele tropeçou na quina da cama e caiu no chão, se afastando rapidamente da jovem pois ele ficou com medo de acordá-la com o seu barulho.

Nesta hora, a criança Dunga, interpretou direitinho o que a contadora falou, sozinho.

Cont- E por último, foi o anão..

Cri- Eu tia, falta eu, o anão ATchim. (nesta hora a criança deu um espirro)

Cont- Muito bem então, o anão Atchim ficou tão nervoso com a presença daquela jovem deitada na cama que começou a ter um ataque de espirro, espirrava sem parar.

A criança Atchim começou a espirrar sem parar.

Cont- Depois que cada um olhou separadamente, os sete anões se aglomeraram ao redor da jovem quando de repente..

Assim que a contadora terminou de falar a palavra “de repente”, as crianças já começaram a falar:

Cri- Ela deu um susto neles tia; Ela morreu; ela acordou e se despreguiçou; ela abriu o olho e gritou tia;

Cont- De repente, ela abriu os olhos e viu aqueles seres pequenininhos, todos olhando para ela, então ela se levantou e falou quem ela era e explicou que a madrasta dela queria matá-la e que um caçador a ajudou e ela conseguiu fugir, encontrando assim, a casinha deles. E assim, eles ficaram muito amigos e todos os anões abraçaram a Branca de Neve.

Nesta hora, a Branca de Neve levantou e todos os anões correram para abraçá-la, até quem não era anão na história correu para abraçar a Branca de Neve.

Cont- No outro dia os anões foram trabalhar.

As estagiárias formaram uma fila com os anões e começaram a andar pela biblioteca cantando. As estagiárias começara a cantar, sendo seguida por todos.

Cri- “eu vou, eu vou, trabalhar agora eu vou, parará tim bum...”

Cont- Gente, a madrasta descobriu que a Branca de Neve não tinha morrido, mas que ela tinha conseguido fugir para a floresta.

Cri- Como tia?

Cont- Ela olhou para o espelho mágico e perguntou a ele:

Nesta hora, a criança que estava fazendo o espelho apareceu e ficou em frente a madrasta.

Cont- Espelho, espelho meu.. (as crianças terminaram a frase)

Cri- Existe alguém mais bela do que eu?

Cont- Nesta hora, o espelho falou diferente.

A criança nesta hora começou a falar com o auxílio das estagiárias.

Cri- Numa casinha pequenininha, no meio da floresta, lá está a mais linda de todas, a Branca de Neve.

Cont- A madrasta nesta hora ficou com muita raiva.

A criança que estava fazendo a madrasta começou a gritar e falava: Cri- Como pode? Eu vou matar essa Branca de Neve agora. (a criança ia falando e gesticulando com raiva)

Cont- Sabe o que ela planejou?

Cri- O que tia?

Cont- Ela planejou se transformar numa velha muito bondosa, boazinha, para assim levar uma coisa para a Branca de Neve, Vocês sabem que coisinha era essa?

Cri- Sei tia, era a maçã envenenada.

Nesta hora, a criança que estava fazendo o papel da bruxa, entrou em cena e ofereceu uma maçã a Branca de Neve e falou o seguinte: (a criança ficou olhando para as estagiárias esperando a fala e logo as mesmas falaram o que ela falaria)

Cri- "Oi Branca de Neve, branca como a neve, pegue esta maçã e coma, estou te achando pálida, vai se sentir melhor". (a criança fez uma voz de bruxa)

Cont- E não é que a Branca de Neve comeu a maçã?

Nesta hora, a criança que estava fazendo a Branca de Neve fingiu estar mordendo uma maçã e logo após caiu no chão, rindo. A criança que estava fazendo a bruxa, depois que a Branca de Neve caiu, deu uma gargalhada e falou:

Cri- Consegui matar a Branca de Neve e começou a pular.

Cont- Mas eu vou contar uma coisa para vocês, o pássaro encantado assistiu tudinho e foi voando contar para a árvore falante.

A criança que estava fazendo o papel do pássaro encantado começou a bater os braços até a criança que estava sendo a árvore falante, que só ria. As duas interpretaram a cena cochichando uma para a outra.

Cont- Depois que a árvore ficou sabendo, ela foi logo contar para.. pra quem que ela foi contar?

Cri- Pros sete anões tia.

Cont- Isso mesmo, ela foi contar para os sete anões que estavam trabalhando. A árvore falante contou a eles que Branca de Neve morreu e imediatamente eles correram: “Eu vou, eu vou salvar a Branca de Neve eu vou...”. Chegando lá, eles se ajoelharam ao redor da Branca de Neve e começaram a chorar.

Cri- Abuááá´..buááá´

Cont- Os anões resolveram fazer um caixão de cristal, pois assim eles poderiam ficar olhando para a Branca de Neve sempre.

Cri- De cristal tia?; nossa tia, que lindo;

Cont- Pois é, como o cristal é transparente eles poderiam ficar olhando para ela sempre.

Cri- Quel legal né, tia

Cont- Mas aí crianças, um príncipe que passava pela floresta, viu a Branca de neve revestida de cristal e adivinhem?

Nesta hora, o príncipe se levantou todo risonho.

Cri- Eles se apaixonaram, tia?

Cont- Ele apaixonou por ela.

Cri- Que lindoooo tia, também quero um príncipe;

Cont- O príncipe pegou seu cavalo e saiu correndo para ajudar a salvar a Branca de Neve.

Nesta hora, o príncipe colocou a mão no ombro da criança que estava interpretando o cavalo e saíram os dois correndo pela biblioteca.

Cont- O príncipe pegou a mão da Branca de Neve e deu um beijo em sua mão.

A criança que estava fazendo o príncipe, todo envergonhado, pegou a mão da Branca de Neve, que estava rindo, e beijou a mão dela. Nesta hora, as crianças que estavam participando falaram: “Aaaaaaaaah, que romântico príncipe”; “lálálá, vão se casar”;

Cont- Com o beijo do príncipe, a Branca de Neve acordou.

Cri- Ela acordou tiaaaaaaa

Cont- Ela se apaixonou quando olhou para ele e os dois conseguiram ficar juntos e foram morar.. aonde eles morariam hein?

Cri- deeer tia, num castelo né.

Cont- É verdade, eles morariam num castelo, pois príncipe mora em castelo.

Cri- Mas e os sete anões tia?

Cont- Mas deixa eu terminar de contar aqui, a Branca de Neve e o príncipe se casaram e foi um festão, três dias de festa. Depois do casamento da Branca de Neve, os anões voltaram para sua casinha e para sua mina, no coração da floresta.

Cri- E a madrasta tia? Ela morreu?

Cont- A madrasta ficou com muita raiva por ver a Branca de Neve feliz e viva. Ela ficou amargurada dentro da sua casa, sozinha.

## **Transcrição 6**

Transcrição- Pinote o fracote e Janjão o fortão

Estagiárias- Bom dia crianças.

Crianças- Bom dia, tias; Tia Baratinhaaaaaa, tia, tia, oii tia...;

Estagiárias- Quem vai querer ouvir uma história??

Crianças- Eu; eu; Tia, o que vai ter hoje?

Estagiárias- Quem vai contar hoje sou eu, a Tia Jan. (as crianças chamavam a estagiária Janila de Tia Jan.)

Crianças- Ehhh, e qual vai ser a história tia?

Contadora- Vou contar a história de um menino mais fraquinho da turma.

Crianças- Coitado tia.

Contadora- Um dia, a turma resolveu brincar de rei dos Piratas. O que os piratas fazem?

Crianças- eles lutam tia;

Contadora- Isso mesmo, eles lutam. Mas quando a turma resolveu brincar de pirata, advinha quem foi o Rei dos piratas?

Uma criança falou: euuu

Contadora- Claro que teria que ser o Janjão. Janjão, como sempre, aproveitou para abusar. Jogou pedras no veludo, que era um cachorro, obrigou os piratas a jogares pedras também.

Crianças- Tia, que menino ruim, ele não pode jogar pedras nos outros.

Contadora- Pois é, mas ele fazia de propósito. Ixi, ele fez um monte de coisa mais, passou rasteiras nas galinhas, avançou na bicicleta da Juju, uma amiguinha do Pinote. Contou um monte de piadas sem graça e ordenou que todos os piratas rissem. Foi então, que ele reparou que o Pinote não ria.

Crianças- Por que ele não ria?

Contadora- Porque as piadas dele eram muito sem graça.

Crianças- aaaah...

Contadora- Ele falou para o pirata Pinote que observou que ele não riu das piadas dele. E falou: “Quer ir preso?”. O Pinote suplicou ao Rei Janjão para que não prendesse ele. O Rei perguntou então, por que ele não estava rindo das piadas?

Crianças- E aí, tia?

Contadora- O Pinote levantou e falou para o Rei que se ele quisesse ele riria com a boca.

Crianças- Rir com a boca tia?? Risos

Contadora- Rir com a boca. O Rei zoou do Pinote e falou que é lógico que só se ri com a boca. Mas o Pinote falou que não, que a boca pode estar rindo e o pensamento não.

Crianças- Que louco tia;

Contadora- O Rei achou a mesma coisa que você, que louco! Janjão furioso, falou para o Pinote mandar seu pensamento rir das piadas dele. Pinote respondeu que sim e o Rei Janjão contou outra piada.

Criança- Coitado do Pinote; ouvir outra piada ruim? (risos)

Contadora- Teve que ouvir outra piada, e advinha? Pinote riu.

Criança- Ele gostou então tia?

Contadora- Não sei, vamos descobrir? De repente, Janjão começou a chorar. Um grandalhão chorando... o que será que deve ter acontecido?

Crianças- Não sei, tia.

Contadora- Ele até adoeceu por conta dessa dúvida sobre o Pinote. Ele ficava em casa pensando: “O que será que o pensamento do Pinote está pensando?”

Crianças- Ele nunca mais brigou tia?

Contadora- Nunca mais, só ficava pensando nisso...

Crianças- Pelo menos ele não brigou mais né.

## **Transcrição 7**

Transcrição- Os três desejos

Estagiárias- Bom dia crianças.

Crianças- Oiiii tias; Baratinhaaaa, Tia Socorro, Oiii, Tia Já, Oiii tia;

Estagiárias- Quem vai querer ouvir uma história??

Crianças- Eu; eu; que história vai contar tia?

Estagiárias- A Tia Socorro vai contar uma história para vocês.

Crianças- qual vai ser a história tia?

Contadora- Vou contar a história de um casal muito pobre. Mas um dia, quando ele estava indo para o trabalho, encontrou um lâmpada mágica.

Crianças- Era o gênio tia?

Contadora- Acertaram. Era o gênio da lâmpada. Este gênio deu a eles o direito de três desejos.

Crianças- o que eles pediram tia?

Contadora- Como ele estava com muita fome, ele pediu uma lingüiça.

Uma criança falou: lingüiça tia? Noooooossa (ênfase)

Contadora- Uma lingüiça. Mas a lingüiça foi parar no nariz da mulher.

Crianças- (risos). No nariz tia, que engraçado.

Contadora- a mulher ficou desesperada e utilizou o segundo pedido para retirar a lingüiça do nariz.

Crianças- Que burra, podia ter guardado o pedido né tia;

Contadora- O marido dela quando chegou teve o mesmo pensamento que vocês, por que ela gastou o pedido com uma besteira tão grande.

Crianças- e aí tia?

Contadora- O marido ficou muitooooooooo bravo e adivinhem só?

Crianças- O que, tia?

Contadora- O marido no momento de raiva da mulher, desejou que ela sumisse da frente dele.

Crianças- Que homem burro tia, gastou o último pedido.

Contadora- Pois não é, gastou o último pedido. Ele ficou desesperado porque além de perder os pedidos todos ele ainda ficou sem mulher.

Crianças- Que cara burro, tia.

Contadora- Tadinho, ele ficou tão triste que foi trabalhar e no meio do caminho quem estava?

Criança- O gênio?

Contadora- não...

Criança- Quem tia?

Contadora- A mulher dele estava encostada numa árvore, segurando a lingüiça.

Crianças- (risos). Mas e aí, o que aconteceu?

Contadora- Aconteceu que o gênio foi bonzinho e deixou a mulher com a lingüiça de lembrança para o homem.

Crianças- Eu pegava só a lingüiça tia; pelo menos ele não ficou sozinho;

## **Transcrição 8**

### Transcrição- O Dragão Brilhante

A contadora desta contação foi a Socorro.

Contadora- Olá crianças.

Crianças- Oiiii tia, Oiii tiaas;

Contadora- Quem vai querer ouvir uma história??

Crianças- Eu; eu tia;

Contadora- Vou contar uma história bem legal mas ela é bem curtinha.

Crianças- É a história de quem?

Contadora- Do Geovani.

Crianças- Quem é esse tia?

Contadora- Adivinhem.

Crianças- Um príncipe?; Um cavalo?; Um lobo?;

Contadora- Geovani era um dragão.

Crianças- Dragão?

Contadora- Dragão, e ele era brilhante.

Crianças- Que legal tia;

Contadora- Mas os outros dragões não gostavam dele porque ele brilhava muito. Aí um dia, ele pegou as coisas dele e foi andar por aí para ver se alegrava.

Crianças- Ele foi embora?

Contadora- Ele foi andar por aí... porque os dragões que ele morava não queriam que ele ficasse lá.

Crianças- e aí tia?

Contadora- E aí, que ele passou por boas aventuras neste caminho. Se deparou com um monstro que ficou assustado pela sua luminosidade e ele caiu num buraco e ficou de pernas para cima sendo resgatado por uma bruxa.

Crianças- Uma bruxa?

Contadora- É, uma bruxa horroroooooooooosa. O buraco que o Geovani caiu foi ela quem fez para poder pegar maridos.

Crianças- Como assim tia?

Contadora- Todos que caíssem no buraco ela pegava para casar com ele.

Crianças- Casar com bruxa, credo.

Contadora- Mas quando a bruxa viu aquela luminosidade vindo dele, ela se assustou e mandou ele embora.

Criança- Coitado tia, o que aconteceu?

Contadora- Ele encontrou uns dragões e acabaram brigando, e com isso os dragões colocaram Geovani preso no alto de um galho. Quando ele estava preso, ele viu um barco vindo numa tempestade e nisso cai uma mulher na água.

Criança- Quem tia?

Contadora- Vocês já vão saber. Geovani ficou com tanta vontade de ajudar a mulher que conseguiu sair da onde ele estava e foi para o mar salvar a mulher. Quem era ela?

Crianças- Era uma dragoa. (risos)

Contadora- Era uma princesa.

Crianças- Uma princesa tia? Que lindo...

Contadora- Uma princesa. E para agradecer o salvamento, ela deu um beijo no Geovani.

Crianças- e eles foram felizes para sempre...

Contadora- Vocês não sabem o que aconteceu?

Crianças- O que tia? O que?

Contadora- Ele virou um príncipe. A muito tempo atrás, uma bruxa colocou um feitiço nele que só ia se desfazer com um beijo de uma princesa.

Crianças- Que lindo tia; eu também quero um príncipe; vocês são minhas princesas. (uma criança sempre chama as estagiárias de princesa).